

# NAVILOUÇA

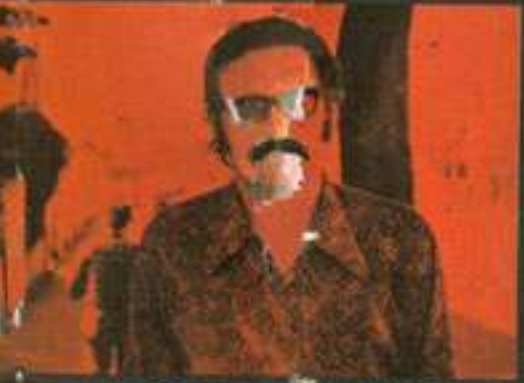
EDIÇÕES GERNASA



primeira edição  
**UNICA**



DOS  
**SOCCOS**



**ALMANAQUE**



# NAVILOUCA

**EDIÇÕES GERNASA E ARTES GRÁFICAS LTDA.**

Rua Leandro Martins, 76 — Tel. 223-0649  
Rio de Janeiro — GB — Brasil — CEP 20.000

**Editor responsável**

Lucio Urubatan de Abreu

**Organização e coordenação editorial**

Torquato Neto  
Waly Sailormoon

**Programação visual**

Óscar Ramos  
Luciano Figueiredo

**Diagramação**

Ana Maria Silva de Araújo

**Montagem**

Silvia Vidal

**Revisão**

Léa Nilce Mesquita

**Produção gráfica**

Arley Silva

**Montagem**

Ary Quern

**Trabalhos de:**

Augusto de Campos, Rogério Duarte, Torquato Neto, Waly Sailormoon, Décio Pignatari, Duda Machado, Hélio Oiticica, Jorge Salomão, Stephen Berg, Luiz Otávio Pimentel, Chacal, Luciano Figueiredo, Óscar Ramos, Ivan Cardoso, Lygia Clark, Caetano Veloso, Haroldo de Campos

**Fotos de:**

Alexandre Koester — AK, Ivan Cardoso — IC, Maurício Cirne — MC, Rubens Maia — RM, Arnaldo Medeiros — AM, Kisco — K, Carlos — C, Carlos Ronald de Carvalho — CRC, Miguel Rio Branco — MRB, Eduardo Clark — EC, Hélio Oiticica — HO, Deca — D, Ricardo Horta — RH, Antonio Noronha (foto da capa de Torquato Neto), Bina Fonyat (Foto/encarte — Gelete)

Copyright das fotos são indicadas pelas iniciais de cada fotógrafo.

**Fotolito**

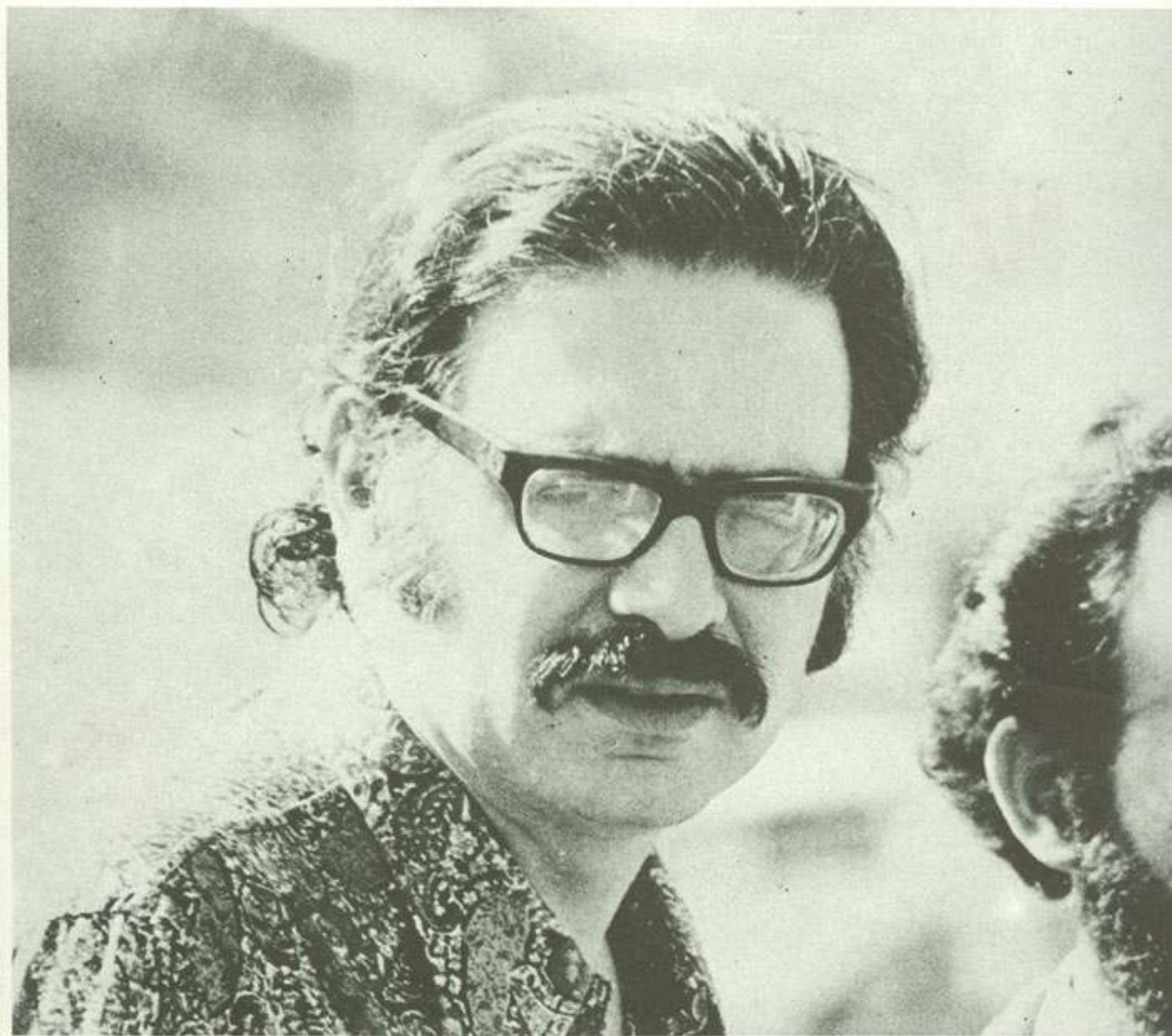
Artenova — Rua Prefeito Olímpio de Melo, 1774

**Composição**

Linotipia Luna — Rua Camerino, 162

**Impressão**

Companhia Editora Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15



**AUGUSTO DE CAMPOS**

# SONETERAPIA

"desta vez acabo a obra"  
gregório de matos

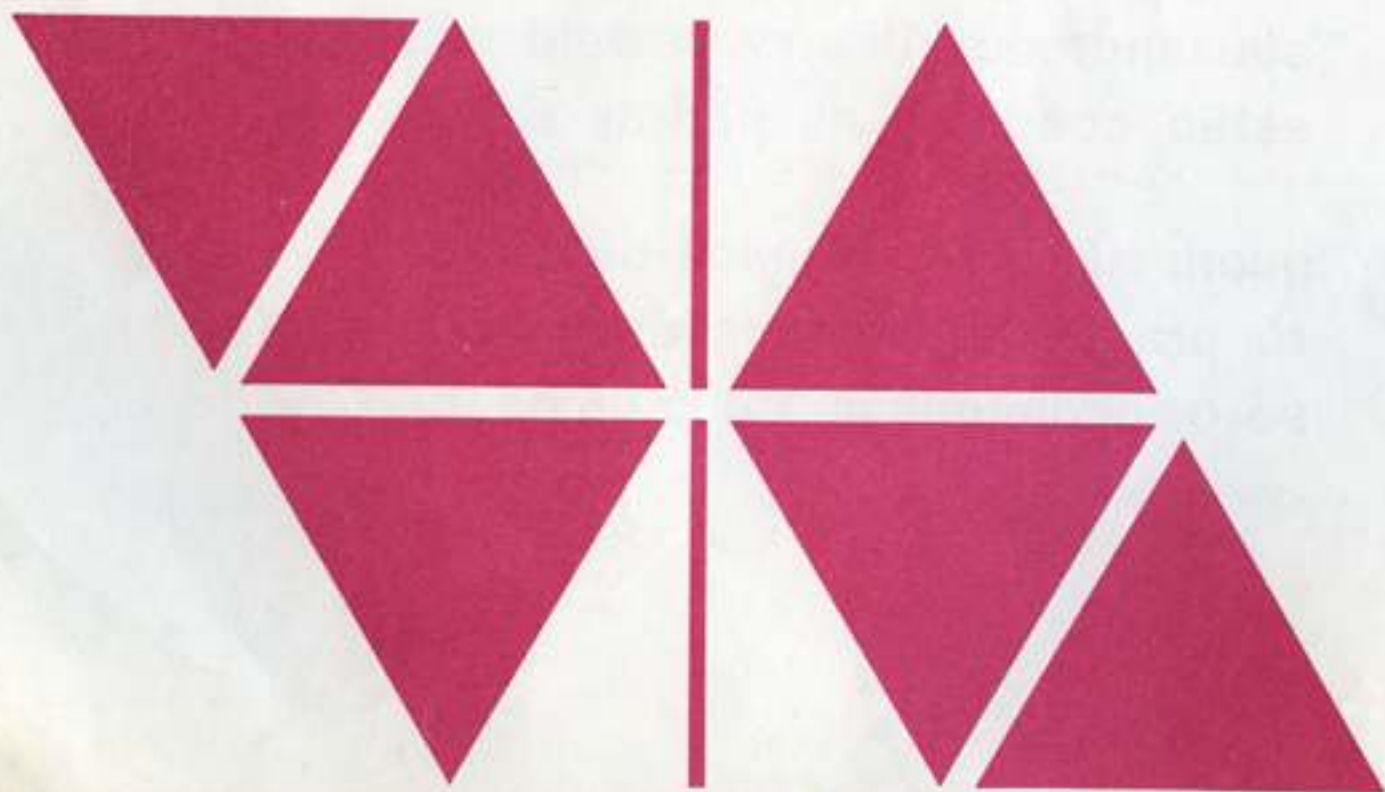
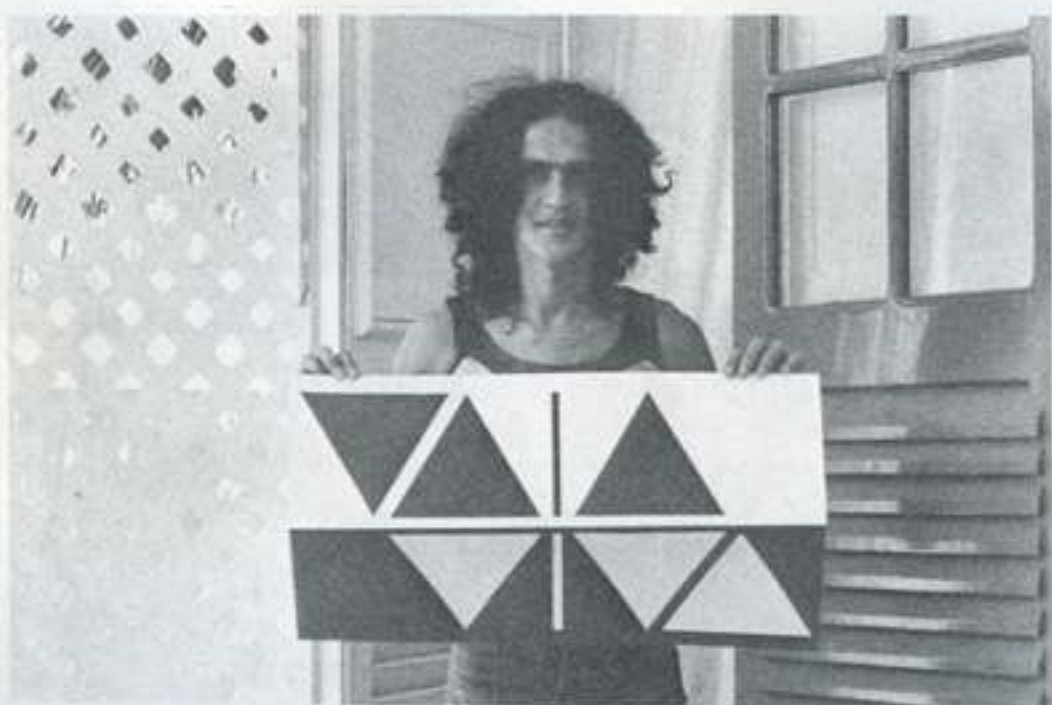
drummond perdeu a pedra: é drummundano ano  
joão cabral entrou pra academia  
custou mas descobriram que caetano  
era o poeta (como eu já dizia)

o concretismo é frio e desumano  
dizem todos (tirando uma fatia)  
e enquanto nós entramos pelo cano  
os humanos entregam a poesia

na geléia geral da nossa história  
sousândrade kilkerry oswald vaiados  
estão comendo as pedras da vitória

quem não se comunica dá a dica:  
tó pra vocês chupins desmemoriados  
só o incomunicável comunica

# MONUMENTO À VAIA





Depois que eu deixei crescer a barba as coisas continuaram igualmente confusas, exceto pelo acréscimo da barba que se associa ao antigo caos e o revela com aparente nova fúria. Não sei mesmo porque me permiti tal embuste (sim, nada agora merece mais do que este qualificativo).

Foi depois da visita à fazenda natal e do retrato do bisavô peludo que acabou por me sugerir reencarná-lo. Caricatura do meu passado me tornei porque caricaturei a busca de mim mesmo indo atrás dos detritos que o meu caminho deixou à margem.

Estranho às vezes ao meu corpo assusto-me frente ao espelho na vã tentativa de captar-me outro e recebê-lo na minha ternura ou, menos ainda, procurando especular sobre a aparência nova e suas possibilidades de realizar o paradoxal embuste de parecer humana, coisa aliás que se não se realiza é apenas em função da minha recusa.

Terá que ser desta mesma guitarrística maneira o continuar no ato de fazer a ladainha dos pães de cada dia. Talvez tenha descoberto eu hoje uma maneira nova: não se trata de cometer o verbo mas sim de esgotar-se no só afã de cometê-lo, ou de convencionar-se para si a fatalidade de cumpri-lo. Isto poderia se compreender imaginando-se a ação de modo a não diferenciá-la da não-ação. E é tangível quando tragicamente se cai na penumbra da unidade, ou zona do fenômeno.

Talvez, se a fidelidade a cada dia me compra o direito da depuração contínua, eu chegue a escutar a viva voz que articula a vibração do manifesto.

Guitarristicamente tecendo em dedos é espera-deflagração.

Que chance? O meu destino desenvolveu-se enquanto eu mantinha os olhos tapados e já nem me reconheço nele.

Brutalmente a qualquer momento pode surgir a vida, eu sei que não estou preparado. O medo que é sombra da luxúria, aproveitou-se do meu corpo inteiro como morada do seu escuro.

Eu sinto, quando estou falando com alguém, nitidamente a sensação de não controlar a espontânea linguagem de loucura e sofrimento que torna como que desconcertantemente ridícula (já que a cobre e nega) a comunicação esboço-vomitada.

É absolutamente igual à fé na chegada do Messias o prognóstico sobre a passagem de um Cometa. Se nos voltamos para o grande corpo, sem um sequer leve cilício, tomamos o líquido aviso, confundimos a nossa alma com Ele.

Daqui a alguns anos a moral será uma ciência misteriosa ao alcance apenas de uns poucos iniciados que, de resto, ninguém viu. A Fé, as Leis, etc., serão no Futuro não muito distante de uns duzentos anos como hoje são a alquimia, astrologia e lá vai fumaça...

Eu sou muito amigo do Rei, eu me dou bem com o Rei, Eu sou o outro Rei.

Hereafter all will be different, you need to get a very human face...

Texto de Rogério Duarte  
psicografado por Rogério Duarte

em um negativo transparente  
colorix, tingir com as cores do alma

ZEI ↓



Tratase no mais  
de hacer de un  
flaco el jefe grande?

O BOXER DO CIRCO COMO SEMPRE  
APALXONA-SE PELA DOMADORA

SOBREM ENTÃO A LUTA  
FATAL

A PROXIMA  
SE  
DESENLAÇE

ha sido  
campeon  
de su clase  
en Asuncion  
Pero hoy  
tiene casi  
dos veces  
la edad  
de aquentances

A IMPLACABLE



O LEDEZINHOS ROSNAM  
COM OS OLHOS MAGADOS rases d'agua



~~ou ça~~

h a

n a

ca sa

onde maro

trinta pombos

exatamente debochados



brava

brasi

Tremor

gente

leira

servil

# J

§

Sendo eu o feliz proprietário de uma inteligência verdadeiramente fantástica aprendi desde cedo a rir da desgraça alheia como se fosse um poema doloroso demais para você §

§

A gente deixa de escrever quando <sup>(sente)</sup> que as palavras fundamentais, por serem formuladas, e a gente perde, vai perdendo aquele inicial entusiasmo pela palavra §

# J

na m

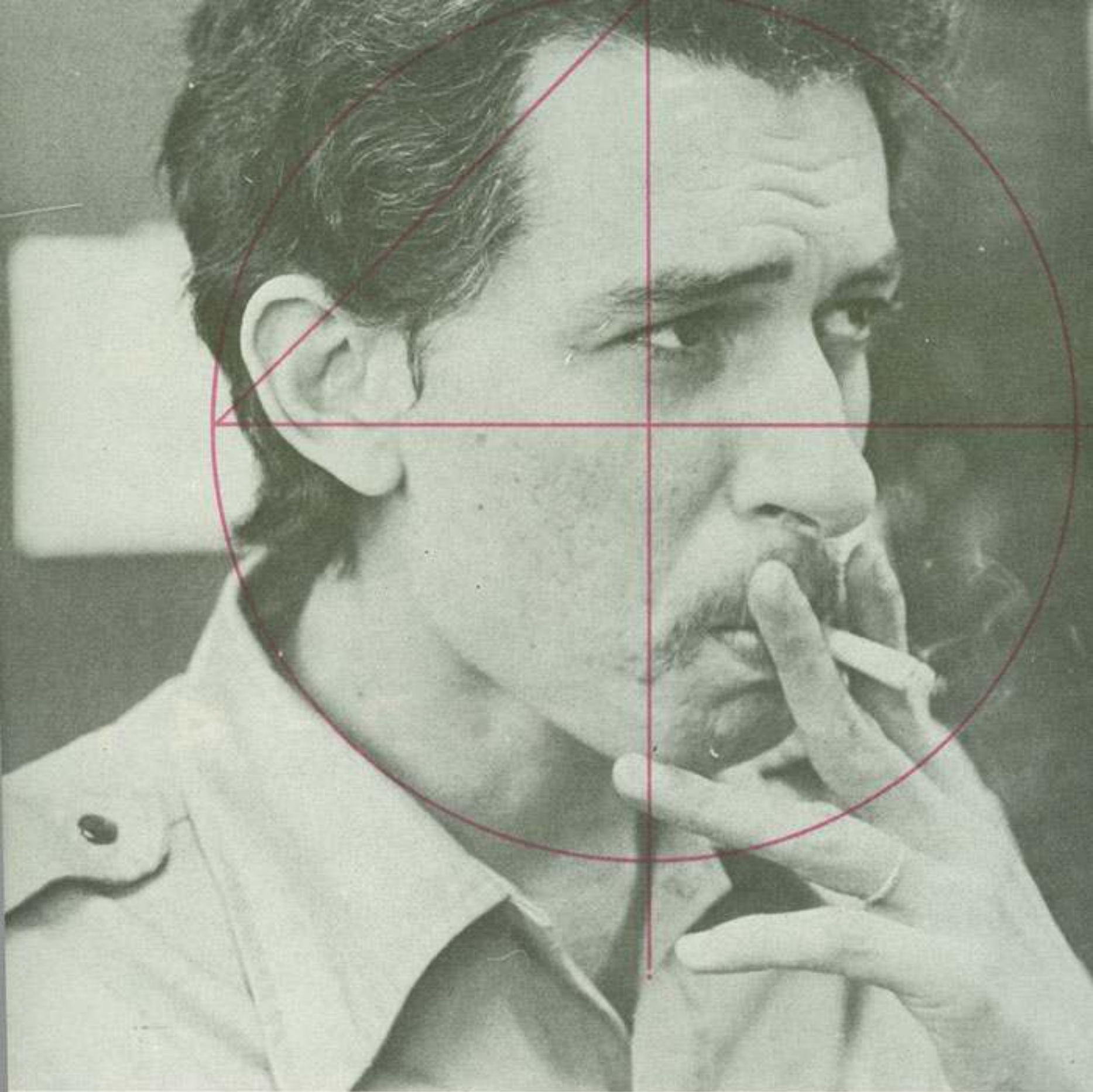


desenhar Sobre as velhas  
matrizes

GÔSTO DESGÔSTO

desenhar sobre as velhas matrizes  
nossos mais íntimos pensamentos

~~\_\_\_\_\_~~  
PORISSO NÃO ME POVOA MAIS  
O FANTASMA DA POESIA



**TORQUATO NETO**



A  
Q  
U  
I  
A  
L  
I



vir ver

ou vir



A  
Q  
U  
I  
A  
L  
I



POETA  
MAEDA  
ARTES  
MANHA  
SDARM  
ASDHO  
JEDHA~  
MANHA



**WALY SAILORMOON**

# PLANTEAMENTO DE CUESTIONES

- 1 — Queu não estou disposto a ficar exposto a cabecinhas ávidas quadradas ávidas em reduzir tudo todo esforço grandioso como se fosse expressão de ressentimentos por não se conformar aos seus padrões culturais:  
Meu texto não é só pra ser visto numa ordem emocional (grilado ou sem bode, numo "boa" ou numa "ruim", incucado ou desbundado, alegre ou triste, amor ou ódio, etc.) porque os estados sentimentais são muito dependentes da rareté, da insuficiência carência de condições — deve ser visto do ponto de vista duma ordem menos impressiva, menos passiva, mais criadora — como experimentação de novas estruturas, novas formas de armação, como modo de composição não-naturalista.  
Alargamento não-fictional da escritura.
  
  - 2 — Relação culposa do produtor com o produto — medo do mundo exterior — lassidez uterina — temor do olho do outro, etc. etc..  
Auto inquisições — escrever e rasgar — piras de papel virando cinzas — castrações — trash psiquico, etc. etc. Já eu sou pela  
**CONSTRUÇÃO EM PROGRESSO.**  
Grandes batalhas:  
forço a barra pras minhas produções saírem, no maior estoicismo, porque tenho bem forte uma utopia revolucionária de que um produto lançado pra fora puxa outro puxa outro puxa outro permitindo uma continuidade produtiva  
(Graças a Deus).
  
  - 3 — Manutenção da luta por criação de estruturas de produção independente — Groovy (ou Groovie) Promotion — Unidade Integrada de Produção: "homólogas" às empresas burguesas. Por outro lado: o nome Underground, no Brasil 72, é o nome dum campo de confinamento.  
As pessoas ainda acham pouco e ficam criando confinamentos — estou falando, por ex., do uso de expressão Underground do Brasil.  
Waly Sailormoon, eu preciso de um sonho muito grande **MUITO GRANDE** muito grande pra não me acabar  
**OU:**  
Waly Sailormoon, eu preciso de um sonho muito grande **MUITO GRANDE** muito grande pra não me acabar **SUBDESENROLADO.**  
**QUEU** não **DEVO** nada a ninguém.
  
  - 4 — **FORÇAR A BARRA:**  
estou possuído da **ENERGIA TERRÍVEL** que os tradutores chamam **ÓDIO** —  
— ausência de pais: rechaçar a tradição judeo-cristiana — ausência de pais culturais — ausência de laços de família —  
Nada me prende a nada —  
Produzir sem esperar receber nada em troca:  
O Mito de Sisifud.  
Produzir o melhor de mim pari-passu com a perda da esperança  
*de recomPensão Patáiso*
- FIM DA FEBRE  
DE  
PRÊMIOS & PENSÕES  
DUM  
POETA SEM  
LLAAUURREEAASS**
- 5 — Por uma continuidade produtiva:  
**inVERnÃO**
  
  - 6 — (Maiacovsky: demanda social da poesia).  
Meu receptor pretendido é o beautiful people. Impreciso indefinido transitório mas mesmo assim...

7 — Ordem de produção:

Balneário Bahia e Obras Escolhidas — I;  
Anexo Montanha Mágica — romance teresopoteutão — II;  
Planteamiento de Cuestiones — III.

Que são:

8 — Dedicados a Claudio Siboney.

9 — Ponto Final: pra nem me referir a níveis mais largos ou mais profundos de percepção, mesmo sem sair do campo da colocação da produção, a Inteligencia é uma energia limitada — a Inteligencia não pode muito; é preciso PIQUE, resistência ao desgaste, ao estraçalhamento, à devagareza, ao medo, ao (t)acanhamento, etc etc etc etc etc etc etc  
A maior qualidade pro produtor cultural, aqui e agora, é a de (ainda estou me referindo à colocação da produção) GRANDE BATALHADOR; maneira de se dizer a verdade.

10 — Magnética

e

Alta matemática na cama-casal

Ele 1: Risque a cédula como ud. quiser.

Eu voto:

Mezquindad A FAVOR  CONTRA

Estrechez

Provincianidad

.....

.....

Ele 2: Voto como quiser.

11 — No momento em que pronuncio este discurso estou tremendo e vibrando: Estou mais empenhado na campanha do que no resultado.

12 — Faixa de propaganda eleitoral: Não permita terceiros; A Rede de Energia é entre eu e Ud.

13 — Planteamiento de Cuestiones é aussí auto-referente. As beredas se vifurcam.  
Planteamiento de Cuestiones — I  
Balneário Bahia e Obras Escolhidas — II  
Anexo Montanha Mágica — romance teresopoteutão — III

Teste —

Caixa com múltiplas modalidades de armar mas uma é superior  
verdadeira  
plena  
perfeita

QUAL?

?

14 — Você tem medo do peso do texto do drama?  
Leitor, existiu mudança de comportamento no seu Sistema Nervoso de armar as coisas após a leitura dos supra e dos infra?  
ReXistira?

LEI  
MOMENTO  
UR  
ABSOLUTO  
D  
DISSOLUTO

15 — Não são textos corridos a que agreguei meros elementos de ilustração ou elementos gráficos (fotos, cartões postais, o crescendo de onde a onda ondeou até voe para as praias do norte, Calígrama de Apollinaire, desenhos, etc.) mas foram compostos como um passo à frente; como compositio.  
Matéria para uma revista.



# obras escolhidas

WALY MARINHEIRIN DA CUA - (alma lírica paquidérmica)

# BALNEÁRIO BAHIA

to  
HELIO  
and  
MAR  
and  
cano



MANGA ROSA

BODAS NA BAHIA



No verão a Bahia é habitada pelos deuses como Tipasa e Eu mourejava. Fedayin — FA-TAL —, como os habitantes de Argel nas praças / Manhã tarde noite madrugada.

BODAS DE SOL



Os burgueses fanáticos pela ordem são mortos a tiros nas sacadas de suas janelas por bandos de soldados embriagados. (Plano extraído do livro 18 Brumário)

CAJÁ

DIA

## ReEDUCAÇÃO SENTIMENTAL

NOITE

GENGIBRE



O céu azul é mais azul / Mar / praia / talhe elegante da palmeira / Sol nas palmas dos coqueiros / Banho de rio na aldeia / (Rio cor de ouro). / Morenos / morenas. / A cor morena vale ouro. Arambepe Verão 72

MANGABA



Do alto da roda gigante / Lindo o povo / Barracas iluminadas / E a nave do trio elétrico / Festa de largo Bahia Verão 72

### AS PALAVRAS E AS COISAS

Poeta lezo caduco do deserto / (Palmas do alto do coqueira) / Sou um caso perdido / Poeta é uma coisa minúscula

### LIVROS DE CONTOS

Alma emputecida  
Sombra esquisita  
Se esquiva

NOSSOS MODERNOS TEMPEROS SÃO QUEIRA-SE OU NÃO FALSIFICADOS

ONDE A ONDA ONDEOU  
ESTRELAS  
FLY TO THE MOON  
FLY TO THE SUN  
FLY TO THE SEA  
VOE PARA AS PRAIAS DO NORTE

PALMEIRAS BRAVAS



Vida inteira / Ficar bolando agarrado ao tronco do coqueiro /  
caldo à flor d'água do rio Arembepe Verão 72

**AZUL**

ESMERALDA

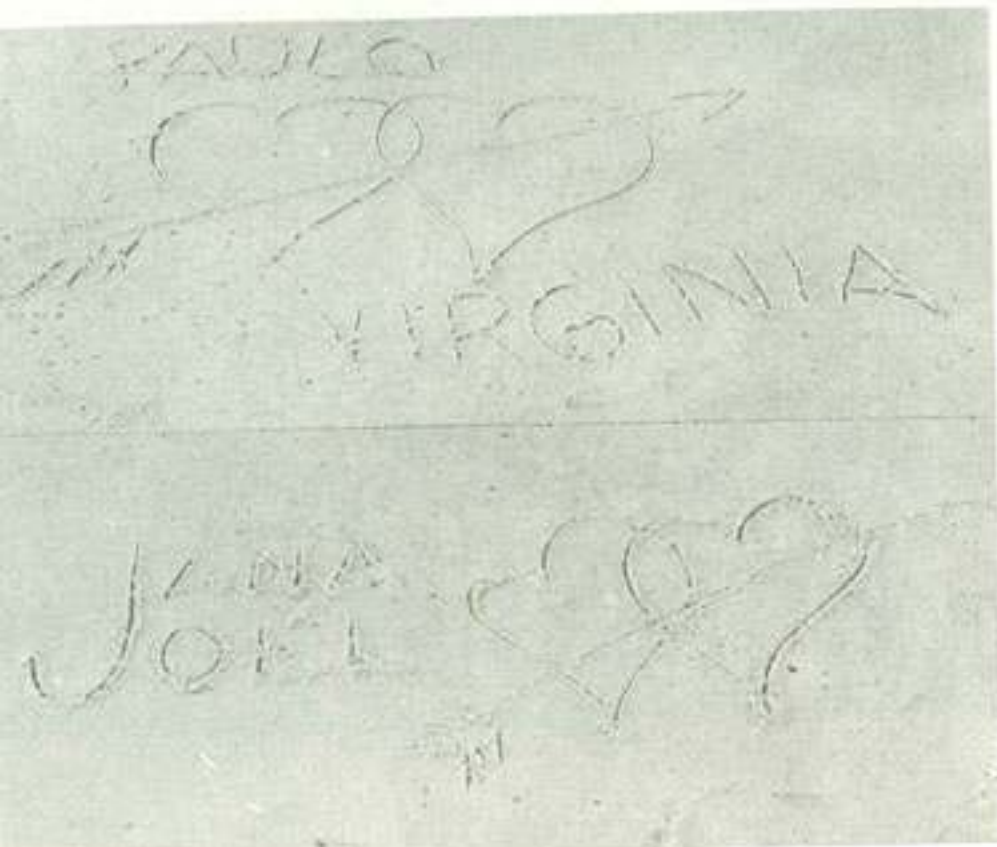
**OCEANO**

**VERDE**

SAFIRA

TOPÁZIO

CONHO OCEANICO - Que esta página retenha a abóbada estelar.



Céu sem nuvens / Sentados / mãos entrelaçadas / Olham saia de rendas / que o mar sobre a areia borda desborda torna a bordar. / Talhe elegante da palmeira. / Ela chupa o bico do peito dela. Arembepe Verão 72

Hoje escrevi na areia:  
Paulo Virginia

Arempupe Verão 72

M  
le dex O HI nier des  
CANS

O ÚLTIMO DOS MOICANOS

(HOMMAGE: Pierrot Le Fou — le plus beau film du cinema)



Em cima do monte formado de areia e raiz de coqueiro cortado, o último dos moicanos proclama: — Paul et Virginie sont encore vivants. Arembepe Verão 72

BAHIA ON MY MND  
CASA - AS - TRA-

BA NA CUCA  
DIPLOMATIA DE AMARALINA

PLATERO E EU

Ontem à noite acordamos com Gabinete — Jogue do vendedor de cocos — cozinha a dentro futucando as panelas. ENXOTE. Arembepe Verão 72.

A VITÓRIA DO PIMPINELA ESCARLATE

A prima chamava-se José Bolinha / O pimpinela levou a prima pra fazenda e sentou-lhe o ovo.

VERDES MARES DE PESCA LTDA. — ESCRITÓRIO

EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO

Garoto  
Você é meu  
Garoto  
Você mora no meu coração  
Garoto  
Quanto tiver condições  
Quero morar com você  
Garoto,

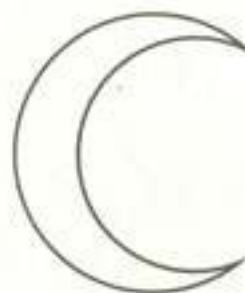
ÍNDICE BIBLIOGRÁFICO

Nome do livro do poeta baiano:  
ELESBON - a planta que cura loucura.

# MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS

Preciso de muito dinheiro  
Sonho ir pra New York  
Não tenho dinheiro  
(1844)

## JARDIM DE ALAH



EMBRIAGUEZ/ cesto de cajú/ claro de luna/ olor de jasmim/ teto de estrelas.  
Recostado nas almofadas, ouve leitura da ata de reunião da célula  
Tupinambá guerreiro  
Rei da Turquia  
Pisa no chão devagar  
Que a noite está  
Que é um dia

EDEN — ARABIE

## FOTO DO FLUMEN FLAMEJAN



Artista ouriçado do Rio Vermelho:  
Redução abaianada do jaleco escarlata do Gauthier.

Pousada da Praia Verão 72.

A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

(Faixa extraída do 18 Brumário.)

flamas

## SOTERÓPOLIS CAP. 72 - EM FLAGRANTE

NOVA BAHIA

TREMENDO  
TRECETÊ

NOVA BAHIA

E, no mais, poesia é o axial:

HORAS ÍGNEAS

Eu sorvo o haxixe do estio .....

# ANEXO

## montanha mágica - romance teresopoteutão

(Esta narração de viagem não pode ser adquirida separadamente do Balneário Bahia e Obras Escolhidas.)



Lareira/ a madeira crepita na lareira.  
Tremores da burguesia no frigorífico da serra.  
— As cigarras cantam até estoirar no verão.  
— Cobrir os gramados bem tratados verdes com o sangue das tragédias passionais dos jornais populares, com o sangue vermelho dos animais.

### CONFEITARIA MARSEILLAISE - DOCES E ROCAMBOLES

Caçadas  
Experimentados no manejo de armas de fogo 3 filhotes infantis da burguesia empunham arma/ 1 empunha revólver/ 2 empunham espingardas.  
O aereo esmaga folhas de eucalipto de encontro ao nariz enquanto de noite sonhei com um batalhão policial me exigindo identificação/ revistaram a maloca do fundo do meu bolso/ mostrei babilaques/ me entreguei descontento pero calmamente/ nada foi encontrado que incriminasse o detido no boletim de averiguações depois de batido telex pra todas delegacias.  
Vadiagem.



### PICKWICK TEA

(cenas da vida teresopolitana, petropolitana, friburguense, itaipavense)

A mãe comenta o Inferno de Dante.  
A moça quinze anos lê o roman La Chartreuse de Parma. Fala de Balzac aussí como servindo para descrições de paisagens e ambientes de baile. Narra as aventuras pelo impossível de Candide et Zadig. Thomas Mann na estante. Michelet écolier.

Quand le maitre parle j'écoute/ le sac qui pend a mon epaule dit que je suis un bon garçon.

### MATERIALISMO HISTÓRICO E PSICANÁLISE

As duas filhas familia comentam as suas sessões de análise. Uma delas vai pra Inglaterra prosseguir análise com o analista — ídolo do seu pai.

A outra fala dos rapazes que frequentam as sessões drogados e que portanto não podem ter seus problemas resolvidos.

GOOD — MORNING

BELA  
FLOR  
TERESOPOLITANA

FLOR  
DE  
TERESÓPOLIS

Amante Mellors, o guarda-caça, sentado no tronco de madeira que era a ponte sobre a corredeira enquanto ela se esgueirava, vindo, beirando a cerca viva.  
(Em derredor, dâlias esplendiam.)

### VÁMPIRO DE ENCRUZILHADA

O filho poeta desgosto da esposa mãe e do marido pai  
Órfão

— Ó corações semelhantes, minha alma **NECESSITA** dos grandes espaços.

ARVO  
RAOV  
OVAR  
VOAR  
**V**  
**O**  
**A**  
**R**

Me sentia em casa quando via vermelho vivo na cor da barraca. Passeei pela roda gigante. Minha subida era uma robinsonada. Sobre os regatos, remansos narcisos. Cheiro de narciso dos regatos — lírios do Vale e da montanha.



Como Luluzinha colhíamos amoras nos campos.

### ANÁLISE DO CARÁTER

Capítulo Volúpia da Carne  
Série Grandes Vidas

A viúva mãe no quarto da herdade se imaginava Catarina da Rússia, a Grande, que paparicou tantos e tantos e tantos machos e prevaricou até o fim da vida.

Eu pensava na búsqeda do Vale do Paradiso — VITA NUOVA — Montei num 14 BIS — MAIS PESADO QUE O AR. Sem pai ORPHEU nem mãe

VIA

INFERNO  
PURGATÓRIO  
PARADISO

INDÍCIOS  
DE  
OIRO

FICTIONARIO

I

Máximas do Marquês de Maricas:

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

Meu ser compondó um bloco BLOCO homogêneo e coeso para a ação.

Provocar

Acontecer uma

Mudança em mim

Quero ver de novo a

LUZ

D

SER

O

Quero SER de novo a luz do sol:

limpar o lixo emocional — remover os empanamentos dos sentidos —  
nuvens viajando pelo espaço afóra até o céu limpo sem nuvens

ESPAÇO AZUL

Contra a poupança e a acumulação e a retenção de recursos (in Recursos  
Ociosos)

Extinção da esperança de recompensa — olvido das etapas do passado —  
SALTAR —

SALTAR

e inaugurar uma nova etapa —  
nova etapa —

A HISTÓRIA NÃO NOS ABSORVERA

(do Comitê de mobilização de energias)

Uso permanente

d'INFIDELIDADE em relação a uma identidade contínua de mim mesmo

REVOLETRE

ABAJO LOS GÉRMENES DE POBREDUMBRE

Da sucursal

Teoria e Prática do FOCO —

do inferno

a revolução dentro da reação —

em marcha

Eu sou o SER

para o

SOL

Fala Fedayin: Eu sou o ser que ergue brandindo a espada sarracena.

Fedayin cerra os punhos: Eu só faço MACHUCAR

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

II

Leituras Noturnas

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

E o propósito não cumprido de ficar noite adentro a ler Fernando Pessoa  
e ir tendo minhas pestanas queimadas para nada. Mas que diferença  
faría tê-las queimadas para alguma coisa se a imagem que tive com a luz  
do quarto apagado quando acendo a luz com a luz do quarto apagado  
quando acendo a luz quando quando a imagem que tive com a luz do  
quarto apagado quando quando quando acendo a luz quando a imagem que  
tive quando a luz do quarto apagado quando acendo a luz e tento apreendê-la  
se me foge ou já não é a mesma —

irreconhecível na expressão embaralhada. E o que seria

"tê-las queimadas para alguma coisa" se o fundamento da ação é sempre  
vão e as etapas não duram um brusco diário.

Lelo até me arderem os olhos

O livro de Fernando Pessoa

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

III

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

ME inventar um outro:

Sailor of all moons.

Era um escritor singular era um escritor singular era um escritor singular  
era um escritor singular era um escritor singular era um escritor era um  
escritor era um um um um um um um um um um um um um um um um  
um um um qu'espremeu toda sua sua sua vida num sumo suco cifrado  
como "Sofrimento sofrimentos até o parto da luz"

Parto da luz

Diante da ESFINGE ele se consumia tentando adivinhar a Questão que ela  
lhe plantearia

Debalde

Vida a fora:

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

V

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

John Jack Seadirty, o de lábios de fogo.

De John Jack Seadirty:

Cada vez menos inteligente

Cada vez mais sensual.

Glossário para Ignorantes:

John Jack Seadirty — inventor da série "Se grude nos meus beijos .

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

VI

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

Ordem do dia: QUIETO

ficar decifrando, no meio do maior bulício, a poesia lida ao me despertar

O exercício segue curso verso a verso dia inteiro.

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

VII

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

A Ordem do dia baixada sob o n.º VI é para ser executada por todas as  
unidades até 2.º ordem.

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

VIII

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

Uniforme de camuflagem:

DORAVANTE ter sempre na bolsa a tiracolo caixas e mais caixas tonefa-  
das de caixas de chicletes e ficar masca mascando enquanto as gentes  
varejeiram vespeliram besteiras ou, átimo recurso, oferecer como tapa boca  
de-berne.

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

IX

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

Meu amor me amarrar me manter preso numa cela jaula.

Quando sair,

ficar louco vendo los hombres hermosos y las mujeres hermosas.

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

X

Piada Sentimental

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

Quieto / sentei na grama / sonhei pensar uma situação;

dor alegria não existissem — só a passagem do tempo /

Infelizmente, tive grande satisfação /

Horas — fa- ta- is-

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

XI

Piadinha Instrutiva

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

O 1.º amor passou

O 2.º amor passou

O 3.º amor passou

Aí agora, o coração

PAROU

NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI-MESMO

XII

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.

Estourar a estoirar a cabeça junto ao pendido sobre o encima do caderno  
de escrita e deixar o sangue escorrer respingar empapar EMPAPAR toda  
a superfície branca do papel —

as palavras em liberdade

as palavras em liberdade como

XIII em diante

Tenho fome de me tornar em tudo que não sou tenho fome de fiction ficciones fictionarios tenho fome das fricções de ser contra ser tudo que não sou ser de encontro a outro ser tenho fome do abraço de me tornar o outro em tudo que não sou me tornar o outro em tudo me tornar o outro a outra doutro doutra em tudo em tudo que não sou me tornar o outro de me me tornar não o nome distinto o outro distinguido por um nome distinto do meu nome distinto tenho fome de me tornar no que se esconde sob o nome embaixo do nome no subsolo do nome o sob nome o sob-nome e por uma fresta num abraço contíguo penetra passa a habitar o fictionario que me tornei em tudo que feixe de não fixas ficciones sou em tudo por tudo por uma fresta de tudo por uma fresta tudo se fixa por uma toda por uma toda fresta as fixações penetram passam a habitar o fictionario que me habituei em ME me Me tornar tudo todo o TUDO personas personagens baile de máscaras reais que pessoas que penetram que pessoas penetram pelas frestas e num abraço contínuo se casam fazem casa e se inscrevem e se incrustam máscaras moluscas no meu rosto me tornar numa escala crescente milesimal centesimal decimal inteira a face dum baile de máscaras reais vir a ser este fictionario que não sou me casar que ainda ainda AINDA que não sou e que sou sempre sempre quando quando sempre tenho fome qual a escala crescente ou decrescente pra saber se um milésimo centésimo décimo inteiro todo ou fração todo meu fictionário ser se revelou no abraço contínuo contíguo em que se desvelou tornar tudo tenho fome de me tenho fome de de de tornar EM tudo que não sou EU esta pessoa que está aqui falando na primeira pessoa eu do singular esta pessoa singular que sou eu pronome pessoal irreductível enquanto pronome mas que mas que mas que se esconde se expande se estende sob o embaixo do no sub solo do pronome eu pessoal irreductível e é qualquer coisa além alguém qualquer alter outrem outra coisa além alguém alter outrem que mora no subsolo do pronome pessoal eu um sob pronome eu pessoal eu um sob-pronome qualquer dia destes eu um sob pronome qualquer dia destes eu qualquer dia destes passo pra te ver gosto de você de te como você nem imagina nem fictiona nem funciona seu teu fictionario pra imaginar e é uma alegria muito grande não tenho de que me queixar é uma alegria muito grande estar aqui entre pessoas boníssimas é uma alegria muito grande conviver com vocês todos neste dado neste dia dado em que uso da palavra pra me dirigir em agradecimento a todas as pessoas boníssimas boníssimas que me acolhem sempre na maior alegria me acolhem me aquecem é uma grande alegria é uma alegria muito grande não tenho do que me queixar é uma alegria muito estar aqui fruindo entre pessoas boníssimas melhor dizendo boníssimas neste dado neste dia dado em que uso tenho o que não sou para meu uso e com o mesmo fuso fundo de fundar fundo de fundar fundo de fundir e com o mesmo fuso fundo a fome e a saciez num mesmo uso eu fundo e não sou tudo que uso tenho fome de me tornar tenho fome de me tenho fome de tenho fome tenho um fundicionario fundicionario fruicionario conficionario fricionario e das fricções da fiction que sou com a fiction que não sou me aqueço me aquece me da calor me acalce mas que fiction sou e que fiction não sou se me componho do que fundo do que se funde do fundido do confundido se o que não sou é uma composição que compunge que tenho fome me compunge o que não sou e é uma grande alegria quando quando me tornar o que não sou e o NÃO e o negro e o negativo e a noite e o vir a ser e o me tornar e o me tornar e o me tornar e o futuro e o passado e o perdido fundido no presente deste dia dado que toco e deste dia dado que me toca tenho de me tornar em tudo que toco e o que me toca deste dia dado e nada nada nada — pode deixar passar de leve o vento por entre as frestas dos meus dedos que posso deixar passar de leve o vento por entre as frestas dos seus dedos que nada se esconde sob o nome da palavra NADA nada nada — os passos





*Walli Sailormoon  
resolveu  
assumir a sua  
loucura e  
lançou o livro  
"Me Segura Qu'eu  
Vou Dar um Troço".  
Walli diz  
ser o nosso  
Scott Fitzgerald.*



NA ESFERA DA PRODUÇÃO DE SI MESMO

# SAILORMOON

## está dando um troço

O primeiro lançamento foi no apartamento de Eurico e Helô Amado, reunindo Luis Carlos Maciel, o poeta Chacal, artistas de todas as áreas, a alta sociedade e jornalistas. O segundo será na Sucata, numa festa chamada Se Segura Malandro, tendo como patronesses Pink Wainer e Sonia Dias. Tudo para celebrar o livro de Waly Sailormoon, *Me Segura Que'eu vou dar um Troço*, que está zperecendo esta semana em todas as bancas de jornais. É o primeiro livro da coleção Na Corda Bamba, da editora José Alvaro, que prosseguirá com trabalhos de Antonio Bivar, Maciel, Jorge Meutner, Rose Marie Muraro e "toda a área que, por facilidade de expressão, a gente pode designar de contracultural".

— O meu livro andava enalhado em diversas editoras, então eu e o Capinam organizamos esta coleção, certamente uma pólvora, o Hélio Pólvora pode não gostar, mas nesta época de festas juninas o meu livro se aproxima dos Fogos Caruru: não dá xabu. É que determinadas áreas da cultura brasileira não suportam o que existe de tecnicamente desenvolvido, elétrico, moderno, no meu trabalho; eles preferem me manter como ingênuo, bom baiano, eu que sou quase carioca, como nos versos da ilustre Marta Rocha: "Rio meu querido / é o meu coração que me diz / muito comovido pois jamais me senti tão feliz / tu sabes que eu sou baiana / baiana que não se troca / mas mais pra cá, mais pra lá / já sou quase carioca".

### A LOUCURA ASSUMIDA

— Mas eu não dou nenhuma importância a estas áreas culturais, porque as pessoas que me interessam são aquelas como o Rogério Duarte, que assumem integralmente a sua loucura, pessoas em constante mutação — como eu mesmo, que sou capitão de cargueiro, que sente como quem olha e pensa como quem anda. Sou uma pessoa que recusa trabalho penoso, tento cumprir os manuscritos econômicos, filosóficos, utópicos, de 44. E ao mesmo tempo, supero a boemia intelectual da época (o mal da época) tentando assumir a responsabilidade com a minha produção, percebendo os seus limites, o tacanhamento dos editores e todos os etcéteras.

— Neste Rio de Galeria Jerez — Bares que não me enganam, siris e sangrias — me sinto o Scott Fitzgerald, com muitas Zeldas e Zeldos dum retardada era de jazz. No meio disso tudo não tenho nenhuma vaidade cabotina, um empolamento acadêmico pela saída do meu livro, como se agora eu me tivesse inscrito na bela literatura brasileira, ou em qualquer uma das glórias provincianas — a saída do meu livro em si não significa nada, se não representar um passo à frente no movimento de superação do quadro subdesenvolvido local.

— O *Me segura que'eu vou dar um Troço* sairá logo numa edição espanhola, com o nome de *Recuerdos de Un Pobre Otario*, pela Ediciones Contracultura, de Buenos Aires; a edição foi transada pela rainha do underground argentino, Mercedes Rubirosa. Para fins de julho, virá a *Navilouca* revista organizada por mim e o Torquato Neto, um almanaque dos aqualoucos, numa primeira edição única. Não queremos fazer uma revista que fique na dependência da continuidade, como aconteceu com *Bondinho*, *Presença* e *Flor do Mal*. Com organização gráfica de Luciano Figueiredo e Oscar Ramos, já contamos com o material de Hélio Oiticica, Duda, Jorge Salomão, Rogério Duarte, Chacal, Augusto e Haroldo de Campos, Décio Pignatari, Ivan Cardoso e Luis Otávio Pimentel. A minha matéria para a revista ultrapassa em alguns pontos as minhas experiências do livro. Não foi por acaso que Hélio Oiticica já assinalou num artigo from New York, que uma parte significativa do meu trabalho se chama ALFA-ALFAVELA-VILLE, que integra um fragmento da minha matéria da *Navilouca*.

### PARA AS NOVAS GERAÇÕES

— O meu outro livro, *Na Esfera da produção de si Mesmo*, está sendo feito, vou transar com a editora que me possibilite que o livro seja uma idéia mais moderna do que o texto corrido — uma galeria de waletes, de fotos. Existe nele um lado ibérico — confissões autorais, um prosseguimento das lamentações de San Juan de la Cruz — e um lado americano, que será pensado como um produto, com as galerias das minhas super-

stars, como Luciana de Moraes, Pink Wainer, Siboney, Maria Guilhermina e outros componentes do beautiful people, pessoas para as quais se dirige hoje a minha produção, o meu esforço produtivo. Vem inclusive escrito na orelha do livro: "alimento / incremento pras novas gerações".

— Dos "meus planos para o futuro" o mais remoto é uma *Jogralesca*, uma oralização, uma teatralização de textos, uma forma extra-livresca que será feita por mim, Capinam, Jorge Salomão, Rogério Duarte e Chacal, com trabalhos nossos e de outros poetas (Waly exemplifica dizendo *Pregão Turístico de Recife*, imitando a voz de João Cabral de Melo Neto). Mas há planos que estão pra aparecer agora: eu e Ednisio Ribeiro vamos lançar, em São Paulo, uma tiragem inicial de mil *Silk-Screems*, chamados *Arembepe Nation* — cinco fotos de nós dois em *Arembepe* de rosto colado, chocando o inconsciente machista brasileiro. De texto há somente duas faixas, *Arembepe Nation* e *Barravento 72*, como se fosse a indicação da data e local.

— Eu já me senti um letrista realizado, com a minha obra encerrada em alguns poucos e bons volumes interpretados por Gal. Mas foi só a Maria Bethania me pedir uma letra para o seu novo disco, pra me sentir incitado novamente a trabalhar com o Macalé. Fizemos para a Bethania o *Anjo Exterminado*, já compomos também o *Senhor dos Sábados*; ontem escrevi *Rua Real Grandeza* pra ser musicalizada: "ah, vale a pena ser poeta / escutar você torcer de volta / a chave na fechadura da porta / abra volte veja / sou um cara sem saída / mas não se iluda / com esta minha vida / toda vez que avisto / sua figura leviana / no pórtico do quarto / penso em dar um corte / em quem me embroma / sou forte / abra volte / veja se me entende e me ama / desde o berço / conservo o mesmo endereço / moro na Rua Real Grandeza / abra / abra a porta / volte veja / você não me engana / sozinho sem amor sem carinho / não digo com certeza / mas posso me arruinar / veja / jatos de sangue... / espetáculos de beleza / ah, vale a pena ser poeta / escutar você torcer de volta / a chave na fechadura da porta.





V

os passos

leves

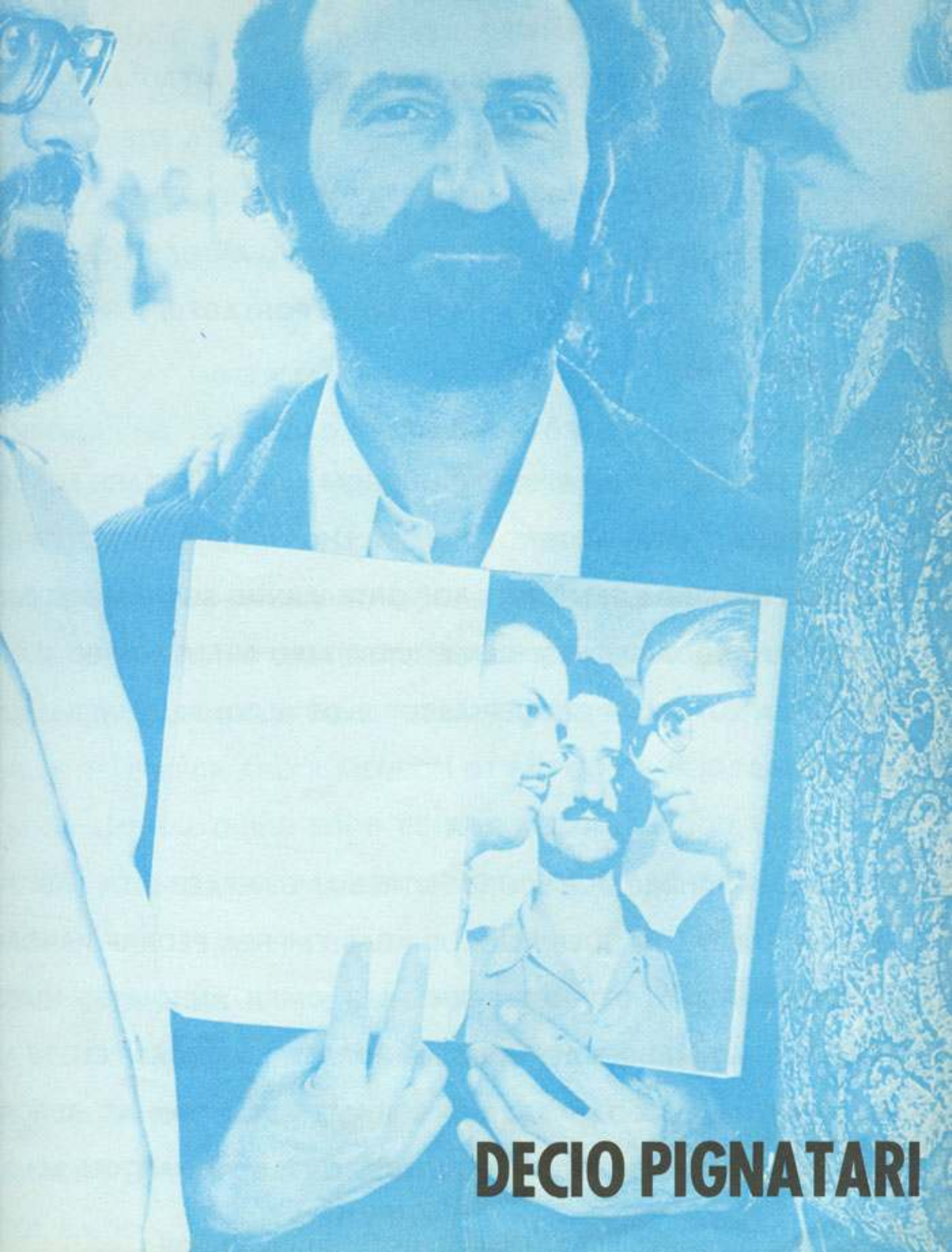
do

vento

os passos leves do vento

por entre

nos interstícios



**DECIO PIGNATARI**

# PHÁNERON, I

CORREUN UAC ORR/EUS UBOO UTRAV EZN ESSAC AIXAD' ÁGUA A TÉO SA  
COL ANTEJOUAF RIAO SP ÉSN OL IMOA VOZD ISTA NTEP ORT ODO SO  
SL ADOSD OSQ UADRADOSD EC IMEN/TODASA SV EZESQ UEP ONHOO  
SP ÉSN OS ILÊNCIOD OC ORREDORE ST RONDAVAN OSC OSTADOSO QUI  
LOD EF ERROP ENDURADOP ARAF ECHARO PORTÃOZINHOR ECORTADON  
OP ORTÃOE DOO UTROL AD

## S O L A C R E P E

OF IMD ET ÚNELV INHAE SPIARO CILINDROM ALHADOE ATARR ACADOD OC  
ACHORROP ASSOCAL AMBENDOP ELOSO LHOSJ ACAR ÉSA BEIÇORRAP EN  
DENTED EG ELÉIAD EA M/OLHAT ÆOF ORTE V ENDO-SEN UAE MM IMQ UEF  
ICOUA BANANDOA SM AOSF REN ÉTICASS AIAD AÍU MN ÓD EC ALORS AN  
GROU-MEA NU/CADAV EZQ UEP ASSOP ELOS ALÃOI AE SPIARP ORU MAD  
ASP ORTAS

## T Á P I A

D OC INEMA SCHÍNION OE SCUROE NTREB AMBINELASP INTA DASF RANJA  
SA ZULE AMARELOO NDEF AISCOUP ARAS EMPREA PEDRAF RANCAD OM  
E/DOMINGOA ZULS OZINHOT ÉPIDOE LAT OMAB ANHON OC HUVEIROS  
OBA CAIXAM ASO SOLJ AE RAMS E ISH ORASE NTRANDASP ELOSV AZADO  
SE MC RUZN OA LTOD AP AREDEO SCILAME CINTILAMN AC ABEÇAO SP  
AGODESD EE SPU MAE MC AMPANULARS OXASE NQUANTOU MAQ UEO  
UTRAP ERAS

## F A Y W R A Y

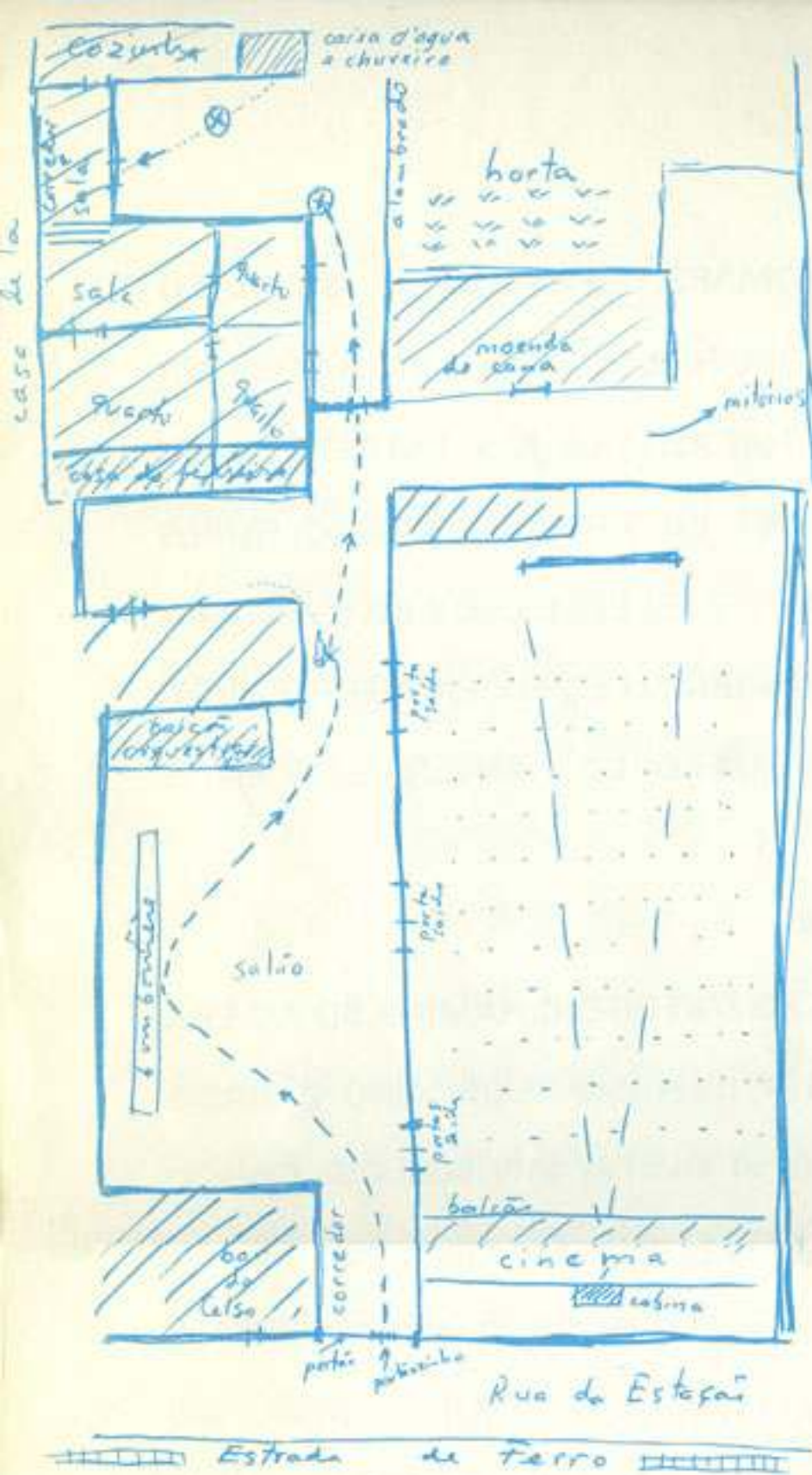
USTENTAVAO CHEIROD OV ERÄON OP OMARS USPENSON OC ISC OD EO  
UROD AC ALMAS OL/ARD EG ULOSOÉ OM EUN OC ADENT EV AZIOE QUA  
NDO AT ESOURASD EM ADEIRASE STRAÇALHARA MO ESTRÉPITOD EU  
MAP EDRAN OZ INCAMEE UE STAVAD IANT ED AB OMBONNIÉRC HUPES  
TAD EC HOCOLATEL ICORP APÉISP RATAV ERDEV ERMELHOV IOLETAM ARA  
VILHAE NTRET RIZESD EP URPURINAE FÍMBRIASD EC ELOFA/NEMT ENHOC  
ORAGEMD ER EOLHARM UITOO SC ARTAZESD OF RANQUISTÉMS ENTIS  
EDE

## R O N Q U E I R A

E MIJANEIRAV OUA TÉA CASAD AT IAA SQ UATORZEC HAMINÉ SD AC ERÄ  
MICAD EO SASCOD OO UTROL ADOD OST RILHOSO BELISCAMO PARADO  
C OBREL ARANJAD AR ARDED EIXANDOO VI OLETAI MPREGNARA CORCO  
VAD OJ ARAGUÁE EUE MPURRARO OC REV ELHOD OP OR/TÄOS OLTOD  
EM IMV OUE RGUENDOA SCA BECINHASD EM INERVAQ UEP RENDEMA  
SV ENEZIANASQ UANDO M EP UXEIP ELAM ÄOE SQUERDAN AQ UINAD AS  
AE BÓRISK AR LOFFIIP ARECII MENSON OT EMPOD OP ÁTIO:M ECHAV IR  
GULA NDOO LHEIRAL OIRAD EDOD EE SPUMAN OU MBIGOD UASU NHA  
DASD EV ERDED USASP ONTASD EA MENDOIME MC ASCAE NRIJ

## P A P E L O T E

ANDOO SP EINTINHOSO CORTEM ENINAC OMON OF LANCOD EU M P ÊS  
SEGOU MAV AGAI MPINGEMR OSADAE NVOLVENDOA QUELEA RC ORPOQ  
UEO SB RAÇOSA GI/TAMBÉMU MC HEIROD EE RVAD OCEE FRUTASA BERT  
ASQ UANDOO LHEIA SP EGAD ASM OLHADAS E MD IAGONALN OQ UENTEF  
OFOD OL AJEDO.



1. Mapa de ocorrência do Pháneron.



2. Ela, pivô do Pháneron (1937).



3. Ele, quando absorveu o Pháneron.



4. Ele, quando registrou o Pháneron (1954)



5. Ele, quando refez o Pháneron (1972).

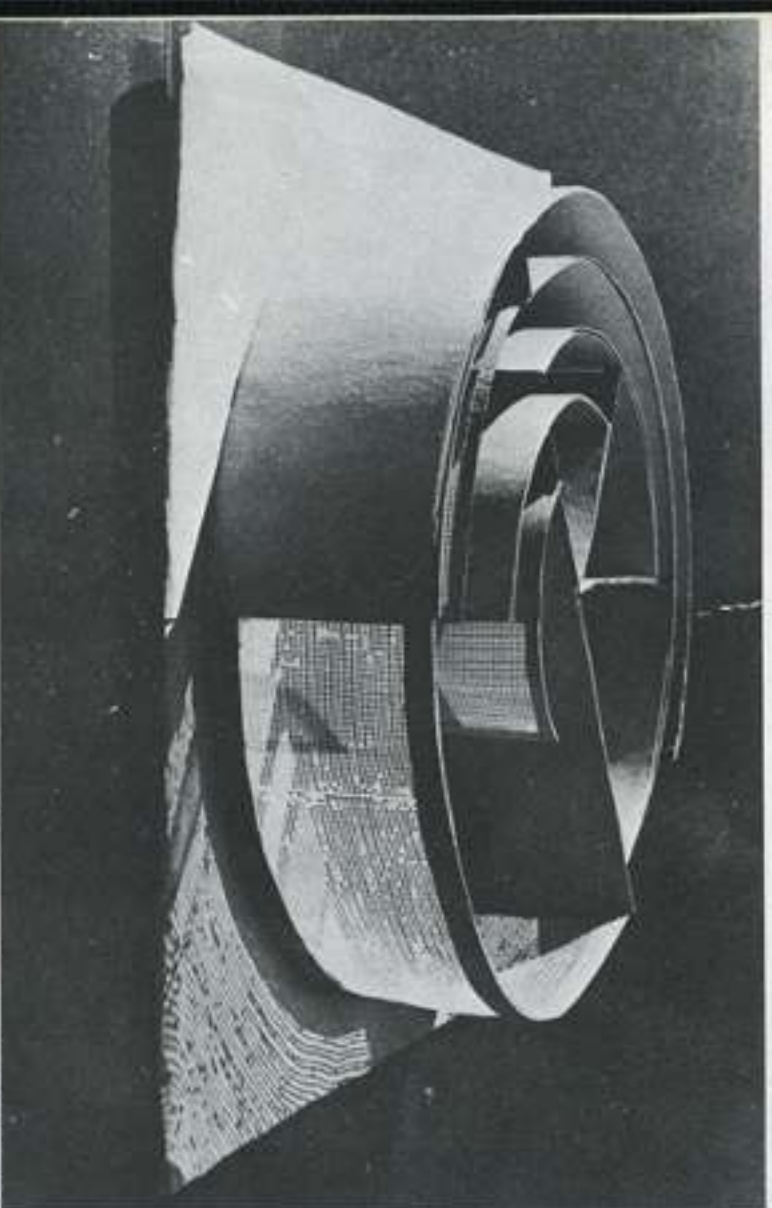


**DUDA**



HELO OITICICA

# HELIO OITICIGA ETAPAS DO EXPERIMENTAL EXPERIMENTADO



I — PN 15 maquette: projeto para PENETRÁVEL AUTO-TEATRO NEW YORK 1971 crédito de foto: MIGUEL RIO BRANCO.

III — casa estudantes experiência RHODISLANDIA dezembro 1972 UNIVERSIDADE DE RHODE ISLAND, KINGSTON RI. foto: H. OITICIGA



II — o PLAY como fundamental: nos NINHOS na INFORMATION no MUSEU DE ARTE MODERNA DE NEW YORK verão 1970.

IV — experiência de não-formulário: BABYLONESTS a partir de fevereiro de 1971 em NEW YORK, 81 2ND AVE. foto: MIGUEL RIO BRANCO





# EXPERIMENTAR O EXPERIMENTAL

sentença de morte para a pintura começou quando o processo de assumir o experimental começou

durante década começando de 59 minha obra passou a assumir o experimental

conceitos de pintura escultura obra (de arte) acabada display contemplação linearidade desintegraram-se simultaneamente

existe em 72 algum pintor importante q haja assumido o experimental no canvas-moldura na aspiração mural ambiental espacial

não conheço

no brasil país sem memória mataborrão das diluições muito se passou depois da fenomenal década 50 na 60: nada foi absorvido

crises dos problemas extremos da pintura nos avassalaram problemas-limite de sólida importância

não quero fazer história

quero falar de como bilaterais deram em núcleos penetráveis bóldes PARANGOLÉ meu programinha sem tempo descoberta do corpo proposição coletiva tudo em meio à indiferença dos artistas do dia

foi enfeitado rejeitado

em 72 PARANGOLÉ me dá alegria parece tão claro novo como parecem claros novos CONCRETOS de são paulo NÃO OBJETO rio coisas-gente daqui dali esquecidos nos vai-vens das "artes"

artes q são mortos equívocos cineastas artistas poetas q envelheceram

ri melhor quem ri por último: competição de "criadores de obras"

pintura escultura arte (obra &tc.) não de continuar na área competitiva (até bolsa de arte já temos) mas q têm a ver com assumir o experimental

talento potencial individuais são logo diluídos no dia-a-dia competitivo q estanca o experimental

brasil-babel q há de novo sob o novo

quem é inventor sente-se novo é novo metavanguarda ri do sério da série não tá na linha o bonde já passou

não me interessam talentos estou farto de querer achar o novo no vestido de novo

talentos q pintam desenham gravam CONSERVAM q não querem adiam evitam o experimental

o exercício experimental da liberdade evocado por MARIO PEDROSA não consiste na "criação de obras" mas na iniciativa de assumir o experimental

pintura passou a ser pet da burguesia conservadora

cachorro bombom e pintura tapete cortina ir ao museu à madison vernissages

o potencial-experimental gerado no brasil é o único anticolonial não-culturalista nos escombros híbridos da "arte brasileira"

tão CONCRETO quanto à sua exportabilidade

voltarão sempre argumentos obscuros dúvidas de autenticidade assuntos remordidos ignorância dos verdadeiros problemas (quais se o coma se estabeleceu no q está à margem do experimental)

GERTRUDE STEIN: Se um som produzido num crescendo de intensidade então pára quantas vezes poderá ser repetido.

o experimental não tem fronteiras pra si mesmo é a metacrítica da "produção de obras" dos artistas de produção

o experimental assume o consumo sem ser consumido indiferente à competição do eu-melhor-q-você das "artes"

no brasil aspiração superficial do artista do dia q aspira galerias expor expor expor currículo estar em dia com o ecletismo mundano

DÉCIO PIGNATARI: A visão de estruturas conduz à antiarte e à vida; a visão de eventos (obras) conduz à arte e ao distanciamento da vida.

produção experimental tem espocado esparsamente no geral da brasileira em pouquíssimos casos é programa

artista brasileiro raramente tem programa são fracos talentos vulneráveis sem opinião

nem entendem porque OSWALD DE ANDRADE diz:  
Serafim vai à janela e qual Narciso vê, no espelho das águas, o forte de Copacabana.

nem porque prefiro a caixa de cable staples às chatíssimas atividades artísticas

simpósios exposições ões ões coisas inventadas pra dar lugar aos fracos talentos não-inventivos

YOKO ONO: Quanto à minha arte tenho a dizer: artistas não são creativos. Que mais se desejaria criar? Tudo já está aqui. Detesto artistas que dizem que sua arte é creativa. Chamo este tipo de arte de "peido" Esses artistas q constroem um pedaço de escultura e o chamam de arte não passam de narcisistas... Criar não é a tarefa do artista. Sua tarefa é a de mudar o valor das coisas.

todo mundo sabe q sol é sol

mas o problema não é só da pintura escultura arte produção de obras mas da representação

de todos os re  
não confundir reviver com retomar



arte brasileira parece condenada ao eterno revival de terceira categoria

o experimental pode retomar nunca reviver

invenção não se coaduna com imitação: simples mas é bom lembrar

MARSHALL McLuhan: De qualquer modo na arte experimental, exatas especificações da violência iminente são dadas às psiquês de cada um pelos seus próprios contra-irritantes ou tecnologia. Pois as partes de nós mesmos investidas em novas invenções são tentativas de contrapor ou neutralizar pressões coletivas ou irritações. Mas o contra-irritante em geral prova ser de maior dano que o irritante inicial, como um hábito de droga. E é aqui que o artista pode nos mostrar como "ir com o soco" em vez de "levá-lo na cara". Só podemos constatar que a história humana é um recorde de "levá-lo na cara". ... Enquanto adotarmos a atitude de Narciso de ver as extensões de nossos corpos como realmente lá fora e de verdade independente de nós, teremos que enfrentar todos os desafios tecnológicos com o escorregão tonto e o colapso de sempre.

JOHN CAGE: Objeções são freqüentemente feitas por compositores ao uso do termo experimental para designação de suas obras, pois é tido como certo que experimentos são etapas que precedem medidas tomadas com determinação, e que essa determinação é a de saber ter levado, se bem que de modo não-convencional, esses elementos considerados a uma ordenação específica. Essas objeções são claramente justificadas, mas só nos casos, como os da música serial contemporânea, em que permanece a razão de ser de se construir algo dentro dos limites, estrutura e expressão para as quais a atenção está focalizada. Enquanto que, de outro lado, a atenção se move para a observação e audição de muitas coisas ao mesmo tempo, incluindo as que são ambientais — torna-se inclusiva em vez de exclusiva — sem a preocupação de criar estruturas compreensíveis, pode surgir (seríamos turistas), e então a palavra "experimental" é apropriada, não para ser entendida como descritiva de um ato a ser julgado posteriormente em termos de sucesso ou fracasso, mas como um ato cujo resultado é desconhecido. O que foi determinado?

em suma o experimental não é "arte experimental"

os fios soltos do experimental são energias q brotam para um número aberto de possibilidades

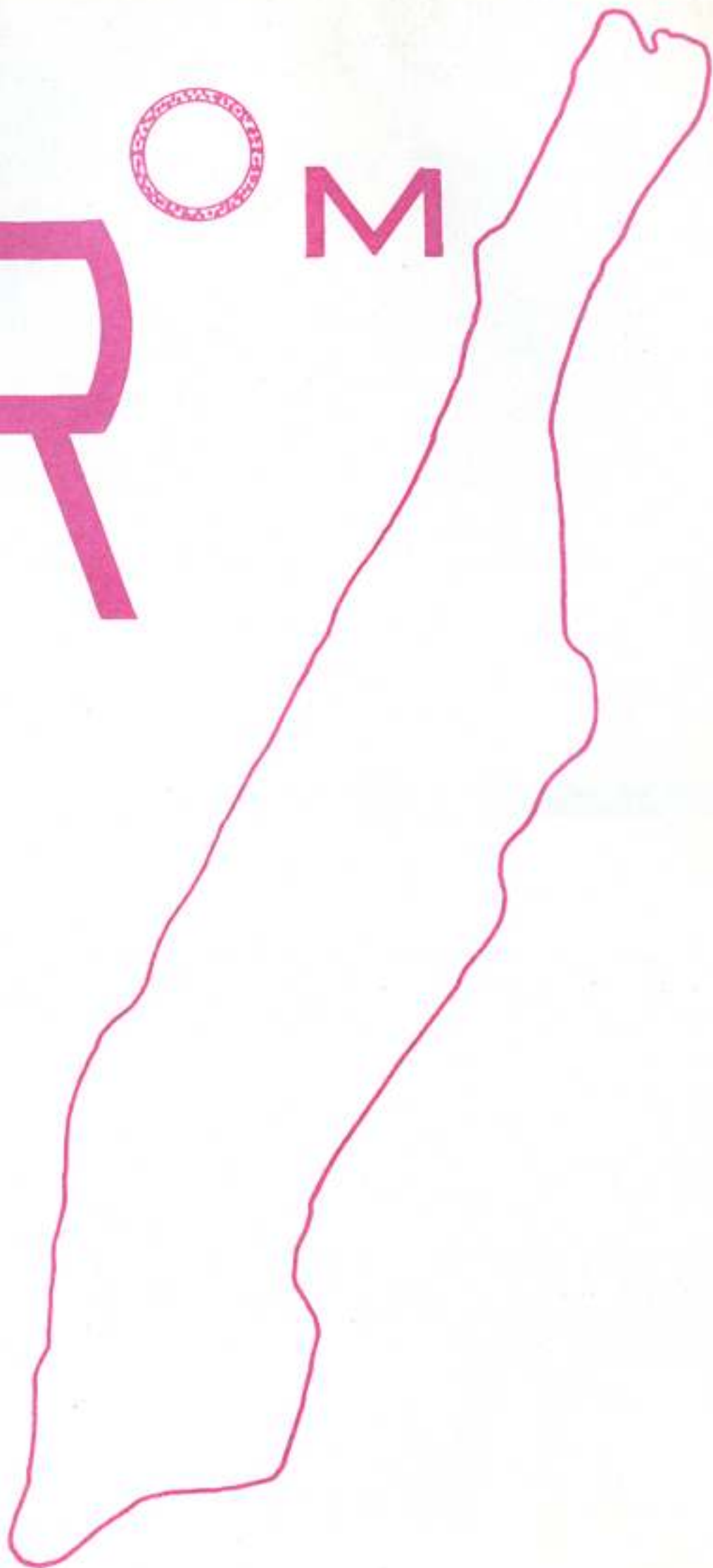
no brasil há fios soltos num campo de possibilidades: porque não explorá-los

AGRI

R



M



# Manhattan



HELIO OITICICA  
repertório 1  
LOFT 4

silviano santiago  
man (fragmento)

janelas faces vidas  
fulanas o sicranas  
seclamen ciclâmen  
VOX amen

(man) o h o m e m  
se (hat) protege  
d o s o l (tan)

na rocha bichada  
cravo na face  
chegas  
a chaga na face  
a face in chaga  
harlem  
rua 125

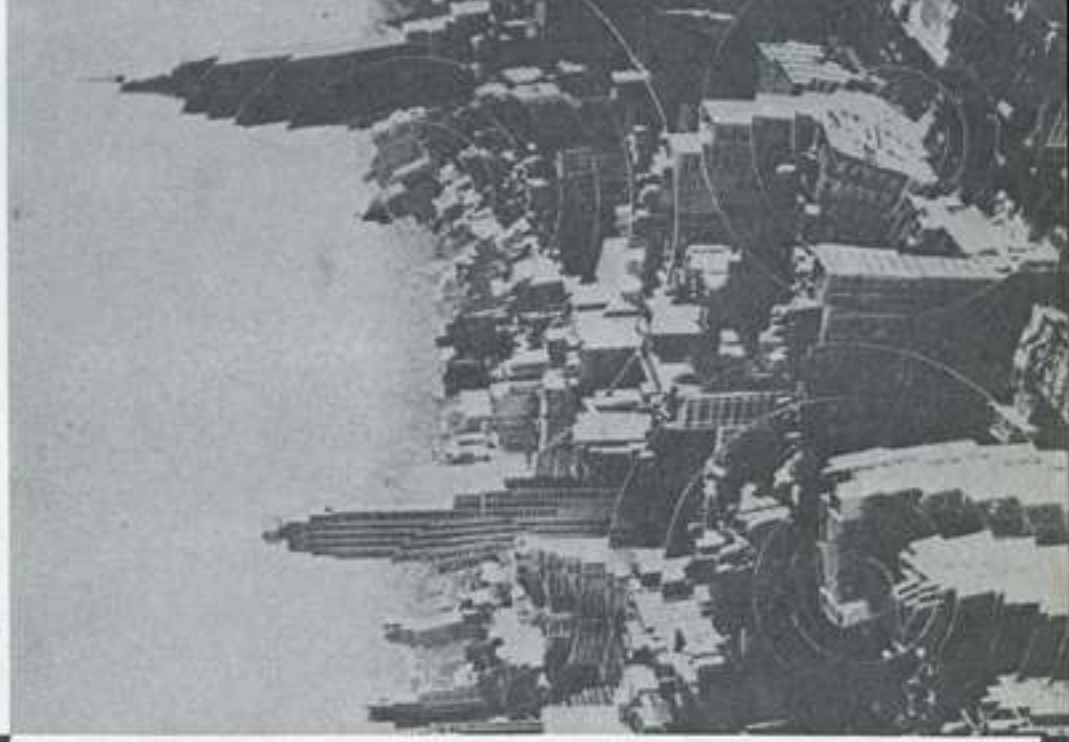
sousândrade : o inferno de wall street  
129

(Outros alegados salvando-se na coluna  
'666' do templo de KUN)

— Agripina é Roma-Manhattan  
Em rum e em petróleo a inundar  
Herald-o-Nero aceso facho

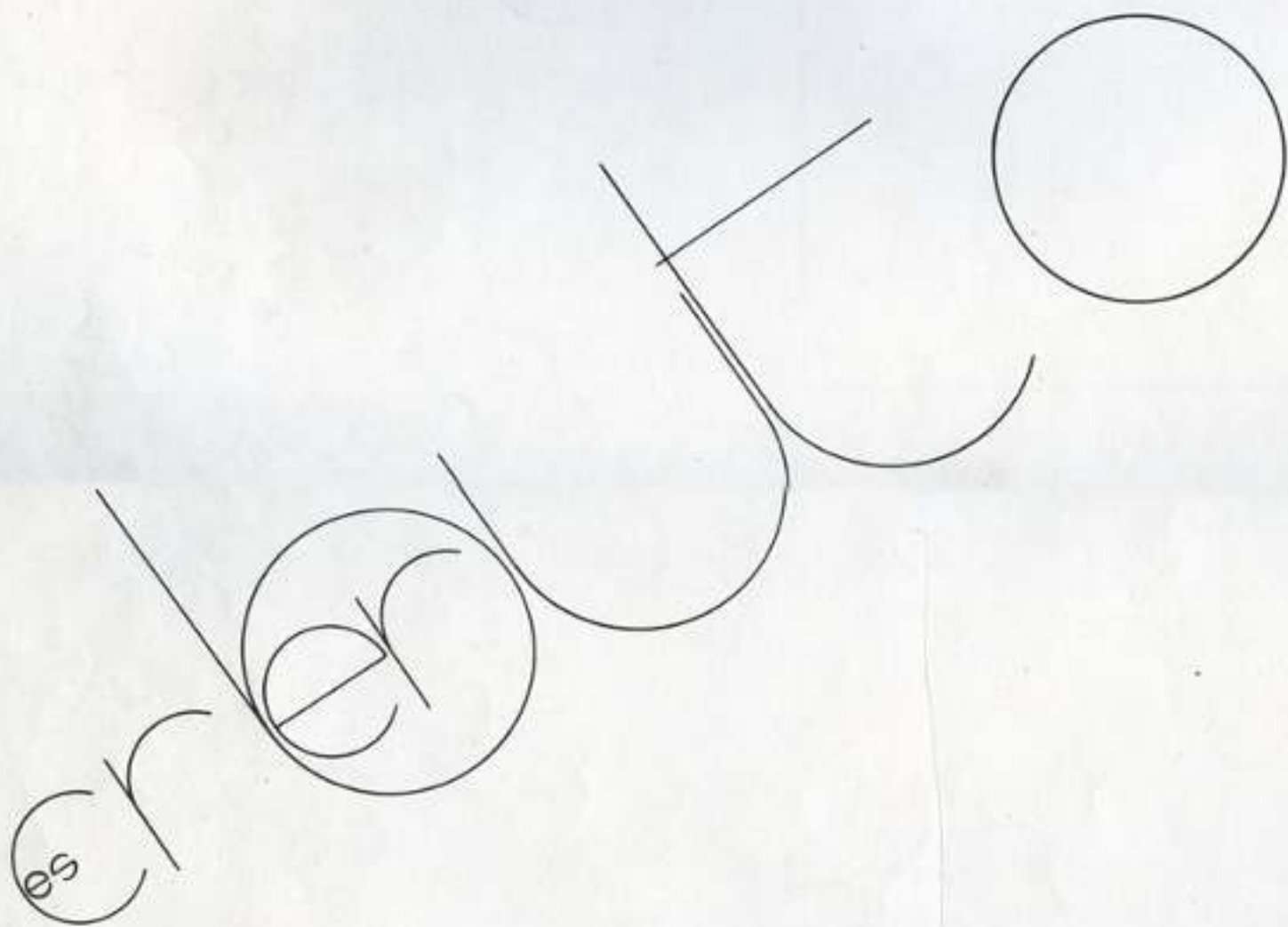
E borracho ,  
Mãe-pátria ensinando a nadar !..

2 - Cinescopia POLSBURY Foto SAM FALK



federico garcia lorca : el poeta en nueva york  
asesinato  
(Dos Voces de madrugada en Riverside Drive)

-¿Cómo fué?  
- Una grieta en la mejilla.  
¡Eso es todo!  
Una uña que aprieta el tallo.  
Un alfiler que bucea  
hasta encontrar las raicillas del grito.  
Y el mar deja de moverse.  
-¿Cómo, cómo fué?  
-Así.  
-¡Déjame! ¿ De esa manera?  
-Sí.  
El corazón salió solo.  
-¡AY, ay de mí!





OMAR veste a Capa 24 P31 — PARANGOLE  
com ideograma ESCREABUTO inscrito.

C A P A 24 P31 — PARANGOLÉ

# NOSFERATO

programa — NOSFERATO no primeiro episódio: fica pra sempre deglutido o CINEMA ZDANAVO

AMOR E TARA trailertotal elimina conotações sado-subjetivas q possam ter filmes "eróticos"

é o ANTI-PLAYBOY

o CINEMA ZDANOVO acabou quando sertão favela cachorro criança-mãe foram incorporados

ao ANTI PROVINCIANO

relação entre NOSFERATO e meu PARANGOLÉ: os personagens não são personagens à procura de um ator como as capas não são objetos d'arte: são simultaneidade-protótipos q anulam o conceito de estilo

acabou a época da criação de tipos fixos definidos no cinema

NOSFERATO é cinema sem drama anarrativo

NOSTORQUATO não é performer é NOSTORQUATO

PROTOTÍPICO

DÉCIO PIGNATARI = As mentalidades lineares buscam "resultados" onde eles não podem ser encontrados, pois a estrutura simultânea deslocou suas coordenadas. Procuram tipos quando deveriam buscar protótipos =

HEGEL = Os romanos diferenciavam também essencialmente dos gregos no que diz respeito aos seus jogos públicos. Neles os romanos eram, propriamente dito, espectadores. As representações mímicas e teatrais, a dança, a corrida a pé e a luta corpórea, eram relegados aos escravos libertos, aos gladiadores ou aos criminosos condenados à morte. A suprema degradação de Nero, foi ter-se apresentado publicamente num palco como cantor, tocador de lira e combatente em pugnas. Como os romanos eram só espectadores, essas diversões eram algo estranho a eles; eles não se entregavam a elas com todo seu ser. =

hoje, também no cinema, a relação espectador — obra percebida sofre uma mudança: espectador teveizado absorve por mosaicos: participante no preencher lacunas estruturais q visam esse fim

NOSFERATO super 8 cinema-linguagem antes de mais nada: desacredita performances narrações teatralismos requentados: na SUBTERRÂNIA do super 8 todos são superestrelados ao contrário do velho star-system são protótipos do q devam ser atuações abertas: a ação atua

superstars são paródia do astro sério performer

os episódios são meta-episódios de contínuo fluir repetitivo não como algo em-cadeia de episódio fechado mas algo onde repetição é abrir-mão de significados limitados

cinema instrumento cinema

FRITZ LANG diz q em M não mostrava os crimes a nu mas através de indicações como a bola da menina largada correndo o balão subindo enganchando nos fios telefônicos pra deixar o ato mesmo de cada assassinato aberto à imaginação

hoje no subterrâneo NOSFERATO super 8 a linguagem-cinema

é instrumento aberto livre de quaisquer exigências narrativas logo desnecessita de artifícios HOLLYWOOD: não é diluição NOUVELLE-VAGUE HOLLYNOVOREALISMO nem UNDERGROUND AMERICANO como querem insinuar: o sentido de humor paródia grotesco das situações-episódios são unicamente brasileiras: longe de preocupações subjetivas: longe da busca de significados característica dos americanos (salvo alguns) ou dos europeus

HAROLDO DE CAMPOS = NOSFERATO NOSTORQUATO nada tem de vampiro alemão expressionista imponente todo-poderoso: é capiau tropeça e cai levanta de novo dá cabeçada. =

espectador é participador: não mais o modelo romano não-comprometido com a natureza do espetáculo: participador-cinema é teveizado: não vê filmespetáculo como algo estranho

drama não é cinema linguagem-cinema

NOSFERATO não se procura ajustar a relato-drama: está mais próximo da linguagem poética: instâncias atemporais do presente: dia é noite RIO é BUDAPESTE

NOSTORQUATO não é ato é invenção livre de de cinema-linguagem: IVAMPS generalizam outro elemento: som-cassete outro: &tc.

num lance de clareza diz PÉRICLES CAVALCANTI — A novidade de "O Bandido da Luz Vermelha" era, pra mim, como que a de ser o primeiro filme que misturava tudo isso e fazia do bolo uma certa atitude cultural também, mas a surpresa pra mim estava vindo com "A Família do Barulho", foi realmente como se eu visse o primeiro filme brasileiro que me satisfazia absolutamente: na construção da estrutura de montagem dos temas situações, planos (quase todos gerais de frente, como em televisão), dos diálogos (sketches de programa humorístico ou filme chanchada), ou o João Gilberto cantando Trevo de 4 Folhas pra Helena Inês dançar sob um coqueiro.

FAMÍLIA DO BARULHO BRESSANE e PIRANHAS DO ASFALTO NEVILLE são parentes de IVAN: marcos de cinema-invenção no brasil

JÚLIO CORTÁZAR = Que continente de hipócritas o sulamericano, que medo de que nos tachem de vaidosos e/ou de pedantes. =

o q se objeta(m)em NOSFERATO PIRANHAS FAMÍLIA é(são) argumento(s)-produto da falta de imaginação dos portadores de mensagens "sérias" (q nada mais são do q reformistas re re re)

HAROLDO = o q JÚLIO quer em ESTRANGULADOR DE LOURAS é estrangular a linguagem verbal do cinema. =

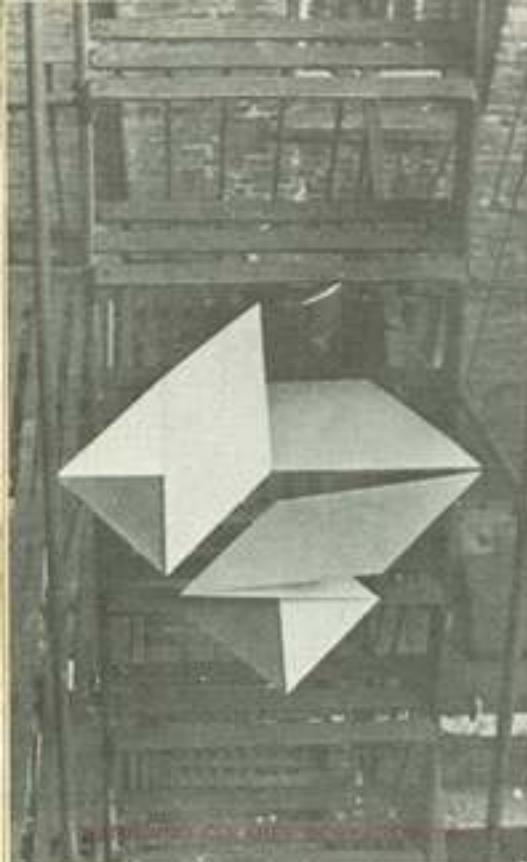
IVAN nenhuma satisfação deve à clan-cinema brasileira o q se lhes torna imperdoável hints de sinistro trincar-dentes já parodiados em NOSTORQUATO tornam-se sem efeito pros sem-humor toys sem dono sem frescura-frescor mas a MÚMIA VOLTA A ATACAR do latente pro feito

MARSHALL McLUHAN = A parody is new vision. =



Produção por Ilma de Ivo Carlos com Ricardo Fortes, Helena Cez, Cristine Paulo Cesar

# SENTENÇA DE DEUS



ho nvk febr. 26, 72

**COLARES**

moderno fora da moda  
 descalçando prêmio chegou a NEW YORK  
 surpresa: não soçobrou no hogwash da arte brasileira do dia  
 nit ventos tropifétidos

faça q corta corte certo  
 página q é bloco-estrutura não-linear  
 passar o giro-bloco

ir volver  
 queda subir na intensidade-cor  
 cor fina do não-avesso  
 semântica do abc visual

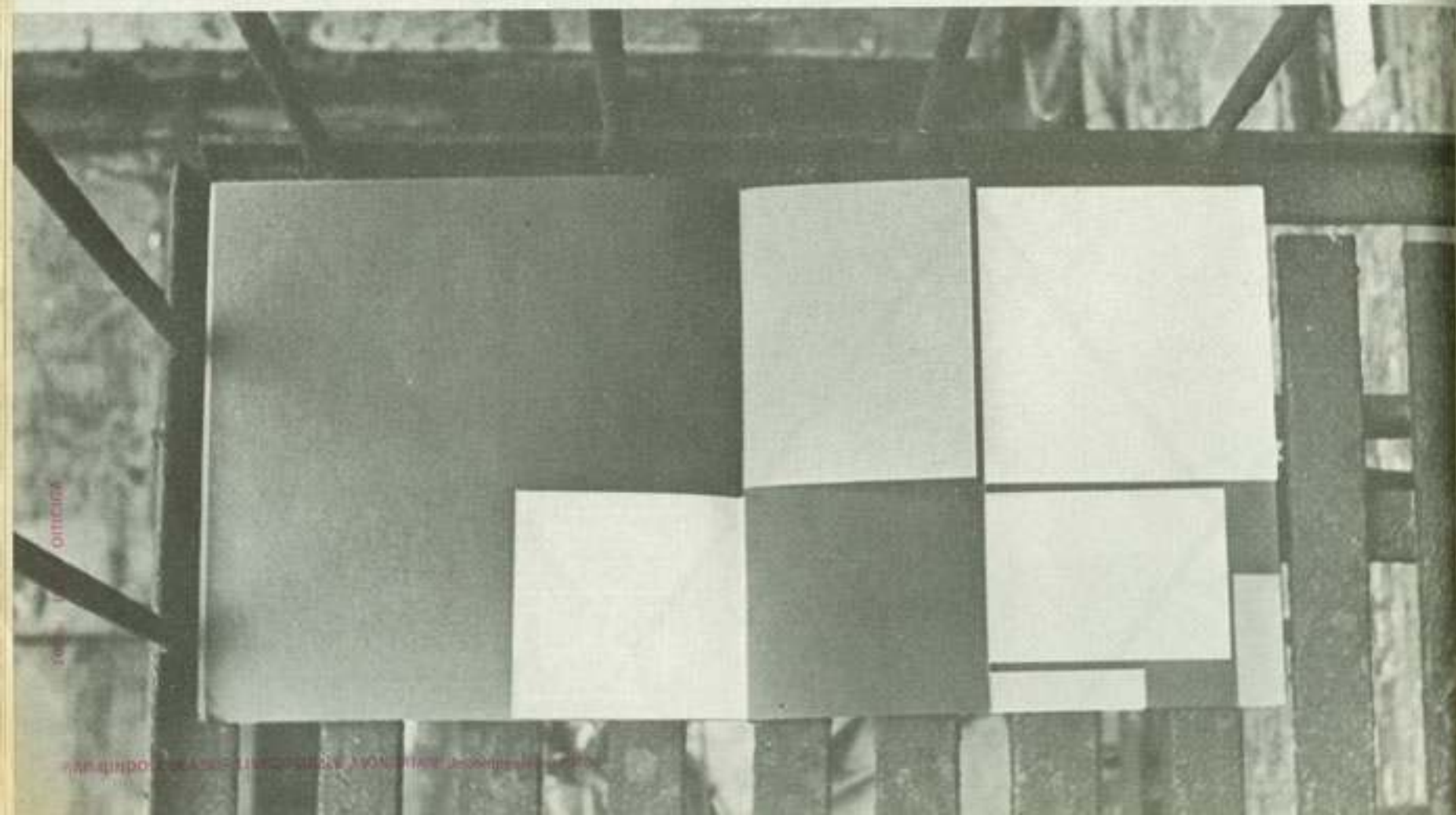
puzzle-tempo  
 parentesco sadio-longinquo NÃO-OBJETO LIVRO DA CRIAÇÃO (GULLAR  
 PAPE) sem intenção metafísica

**mostruário**

livro-MONDRIAN disseca levando a espaço pós-pintura representação  
 q se dissolve no plano reconstruido no tempo  
 skylines de não-livro eixos multidirecionais no fio-corte

colabora-se de

ANTONIO MANUEL mapa aversoreverso latinovomundo  
 forma contraformação novísimos freelancers proposições LUCIANO-  
 ÓSCAR  
 SAILORMOON'S GP IVAN CARDOSO LOP TORQUATO não-conformados for-  
 mantes formações a vir  
 plácidos triângulo quadrado dobras sem avesso espaço girado pousados  
 sofisticamentos do insatisfeito  
 insatisfação do já-feito  
 corte não-artesanal  
 proposição de atividade tempovisual

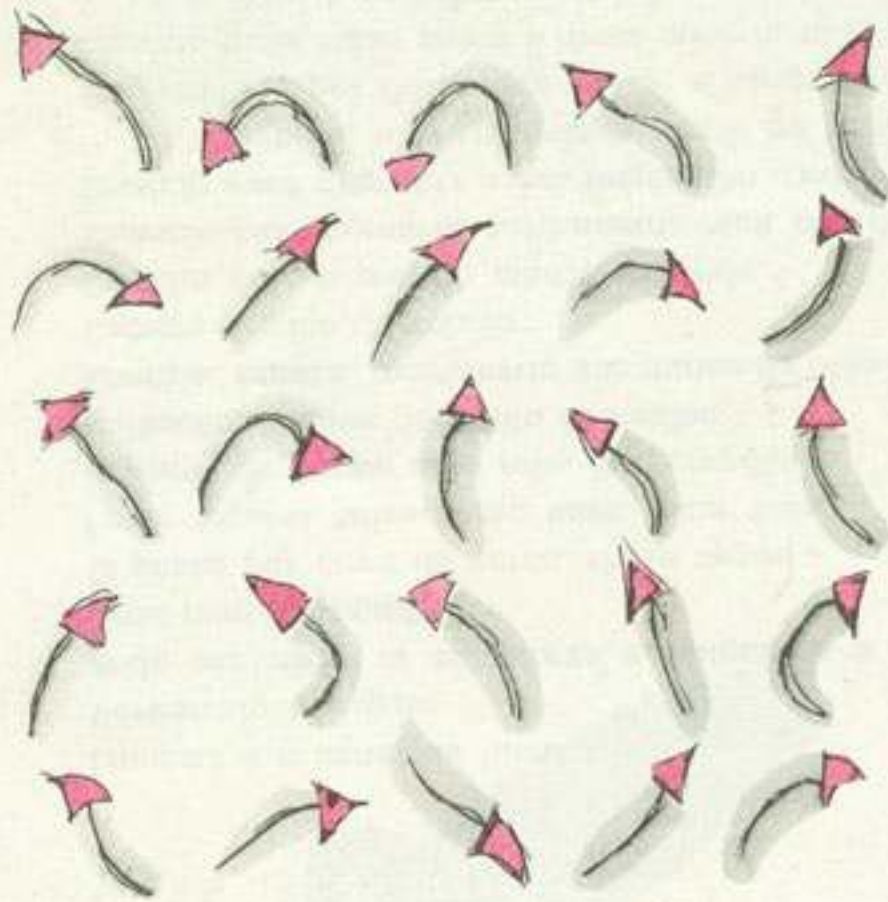


colares

COLARES - LIVRO DA CRIAÇÃO (GULLAR PAPE) - SEM INTENÇÃO METAFÍSICA

CRUZADAS PALAVRAS

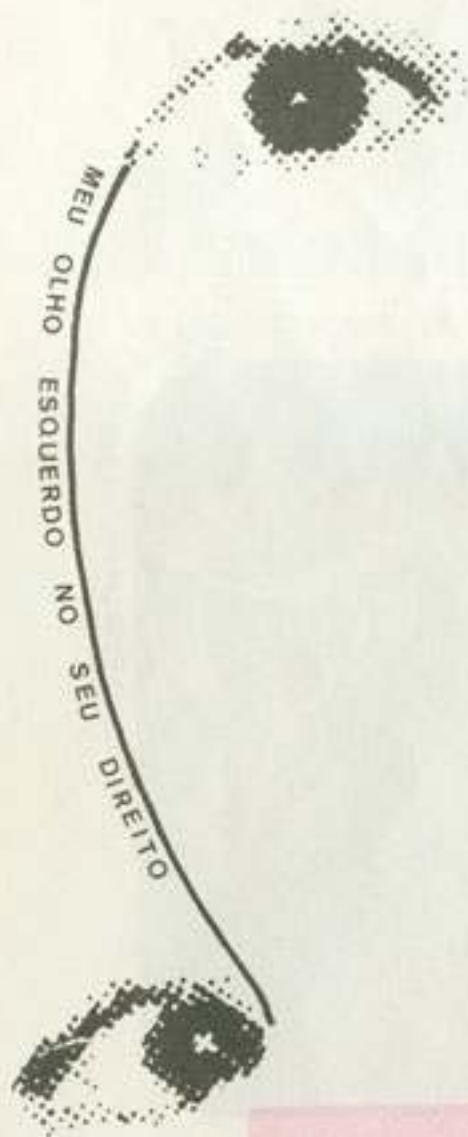
TUDO SE QUEBRA



TUDO SE ARMA

PALAVRAS CRUZADAS

# LOUCURIA



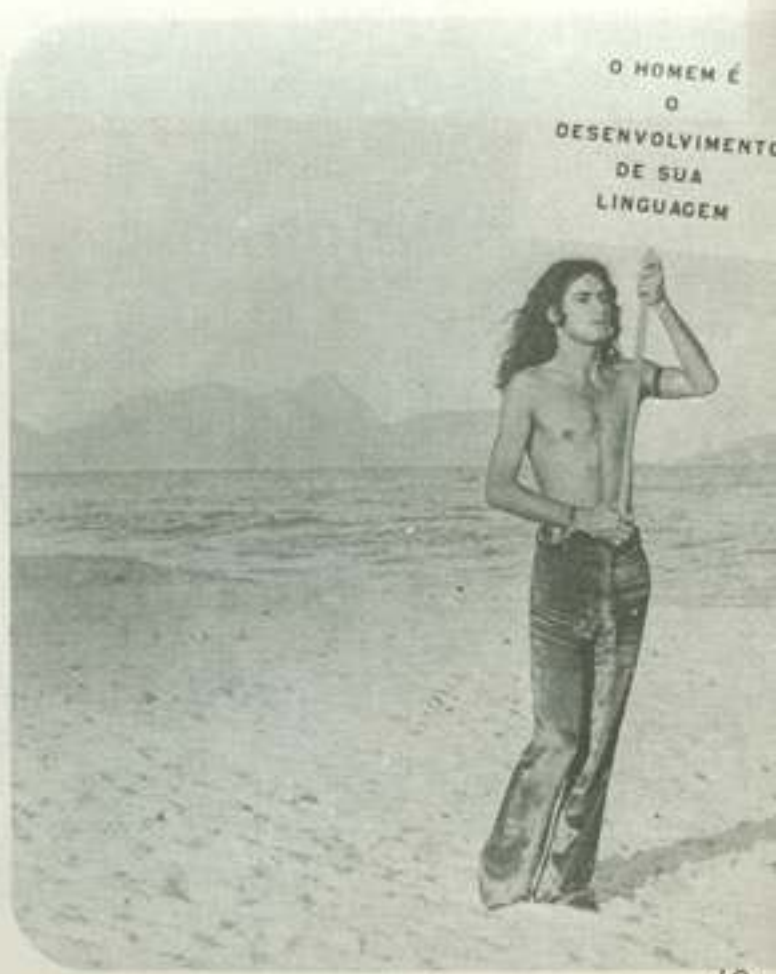
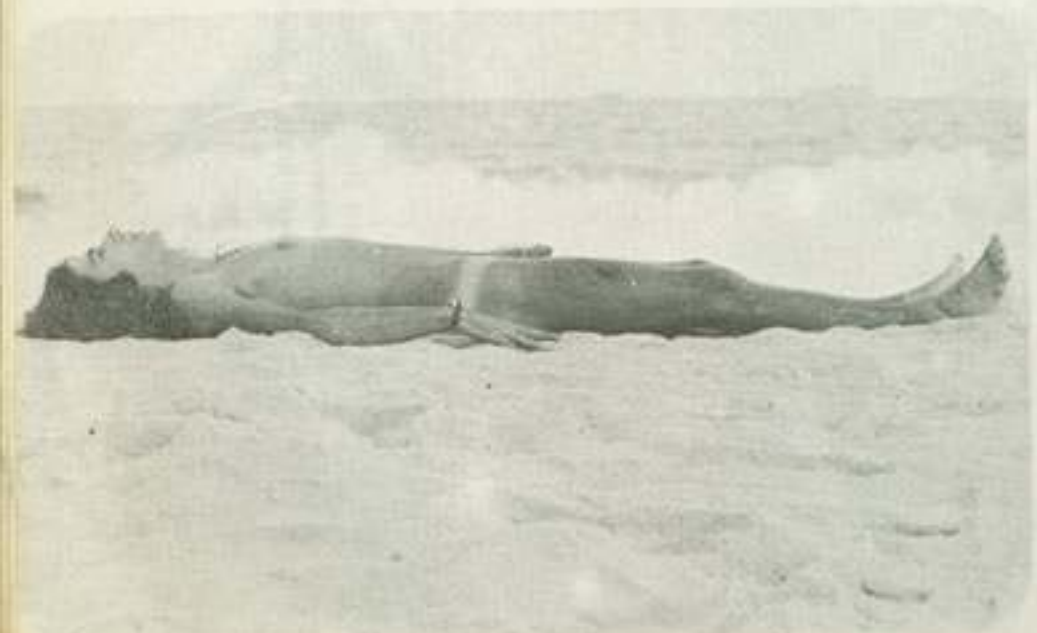
Loucura é o canal da lucidez.  
Vértice do triângulo  
onde explodem as estruturas e sanguifica o ser.  
Uma pontada aguda.  
O passo por cima da cerca, ritmo segue  
Fazer alguma coisa como tudo, fazer tudo.  
Imagem do tempo num raio, dia, coração.  
Pulsação, sangue correndo nas veias.  
Energia, espaço, movimento dos dedos da mão, dos pés, dos braços, pernas,  
Cabeça, tronco, membros.  
Contato com o próprio olho, ver-vendo.  
Consciência, memória, pensamento num jato de sonho.  
Quando você descobre a sua respiração, com o ouvido na areia  
/ouve o canto grande vindo da boca do mundo.  
Imã enviado por Deus para ajudar a saltar na terra.  
Quando duas mãos sobre a mesa querem te apertar, você cria asas,  
voa e as mãos se agarram nervosas.  
Ponto de luz.  
Quando você vai entendendo tudo  
/quando a claridade vai entrando pela janela, pela boca,  
pelo útero, pela palavra, pelo universo, pelo enfim de tudo.

JORGE SALOMÃO

ESTRAÇALHAR AS NEURAS PELAS VONTADES DO CORPO

CORPO QUE VIBRE

TRANSFORMAR O CORPO SOFRIDO EM CORPO ALEGRE



O HOMEM É  
O  
DESENVOLVIMENTO  
DE SUA  
LINGUAGEM



**STEPHEN BERG**

# I. CINEPOEMAS PRELUDIOS

Veludo Venusiano  
Veleiro Veneziano

Aguas turvas na  
Viagem/tempestade  
paixão sui generis  
Giulio Cesare  
classe turística

.....  
generosamente louco o trajeto  
nápoles — rio de  
na                   vio.  
cabine

memorial de ares:  
deslizo químico em  
Sunset Stripidade  
julho em Los Angeles  
aventuras norte-americanas

**EU TE ADORO  
O TEU CABELO TEM CHEIRO DE  
AVIÃO!**



**DELIRIOS ROMANTICOS CARIOCAS**



**DETERIORADOS  
EM  
REVISÃO**

**Buenos Aires 1971 por um minuto  
3 freiras  
Altofalantes tangos  
doze fidalgos arruinados  
saudade apodrecida no meio das malas**

## II. Colapso nervoso

sem estilo.

o rio de janeiro é uma tragicomédia puxada  
pra farsa trilhos do meu bonde solar congelado  
congela copacabana não engana ninguém avenida  
atlântida eu por aqui conheço bem o terreno  
vejo a madrugada no rio de janeiro maquillage  
cronometrada da metrópole pontual no escuro  
percebo a nitidez da paisagem daqui a uns  
tempos não vai dar pra disfarçar nem de dia  
choro califórnia em retrospectos por causa  
do meu sorriso trêmulo porque eu me desbundo  
na rua por causa do meu rosto esfacelado  
numero tal speedy smiler pisco o olho de olho  
no piscapisca veloz fugaz fodido desastreno  
aterro do flamengo ou mal ou me quer em cabo  
frio jovens bronzeados brincando de grécia  
antiga no litoral fluminense no caos penso  
em escrever uma poesia para g stein  
famosa definição de uma rosa  
famosa definição  
famosa

famigerada tudo é a peste é o capeta o trocadilho  
a energia a falta querendo romance venha dançar  
comigo minha flordelys tropical saborear um  
creme de lua com o afrika korps do terraço  
em todo o seu esplendor original me faça feliz  
super viva grita entrei num carro e solidão doeu  
a extensão do colapso nervoso recomenda-se  
enlouquecer pirar sofrer das faculdades mentais  
ser desequilibrado ser vinte e dois ser doente  
ter saúde.

III. sabedoria é o que você sabe

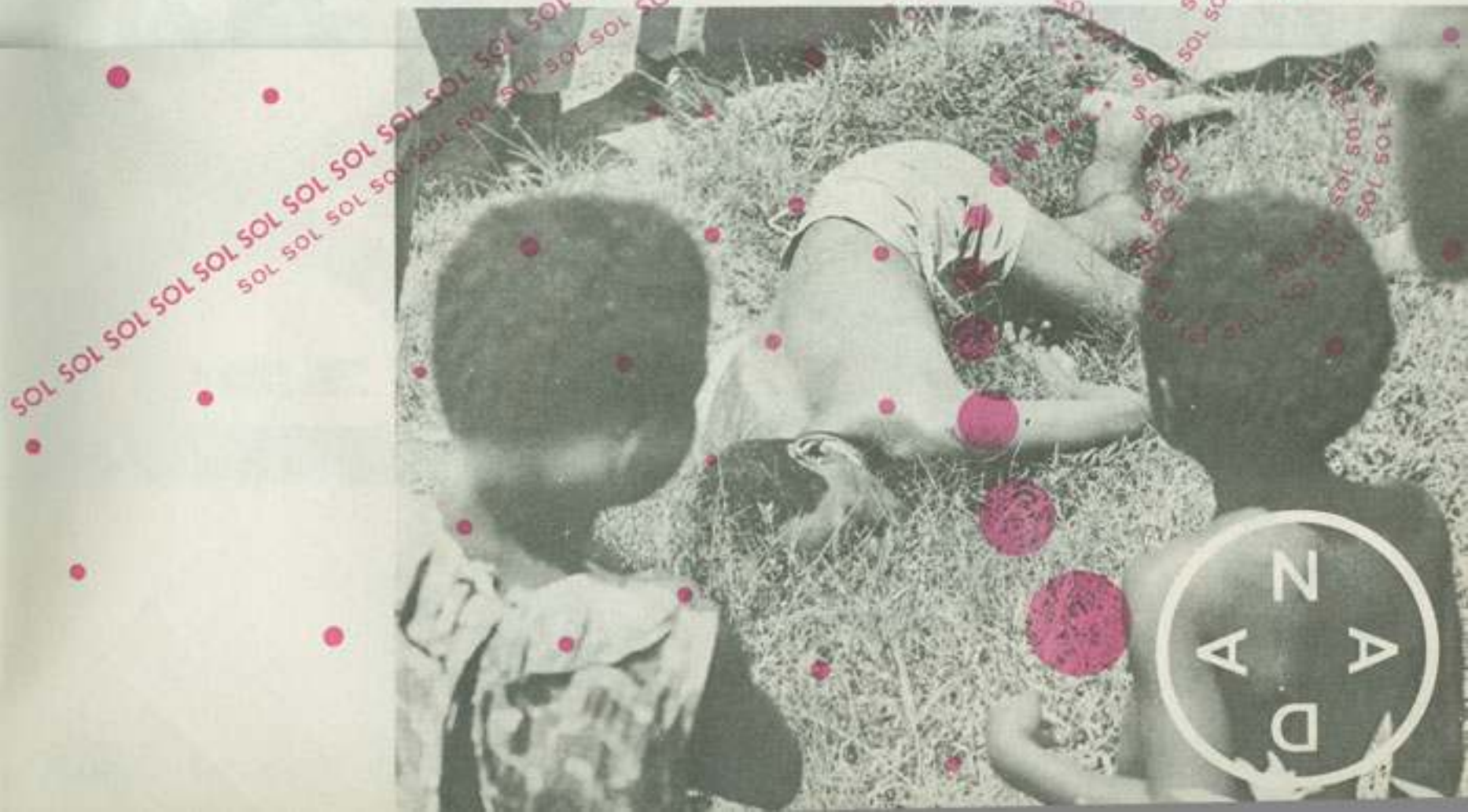
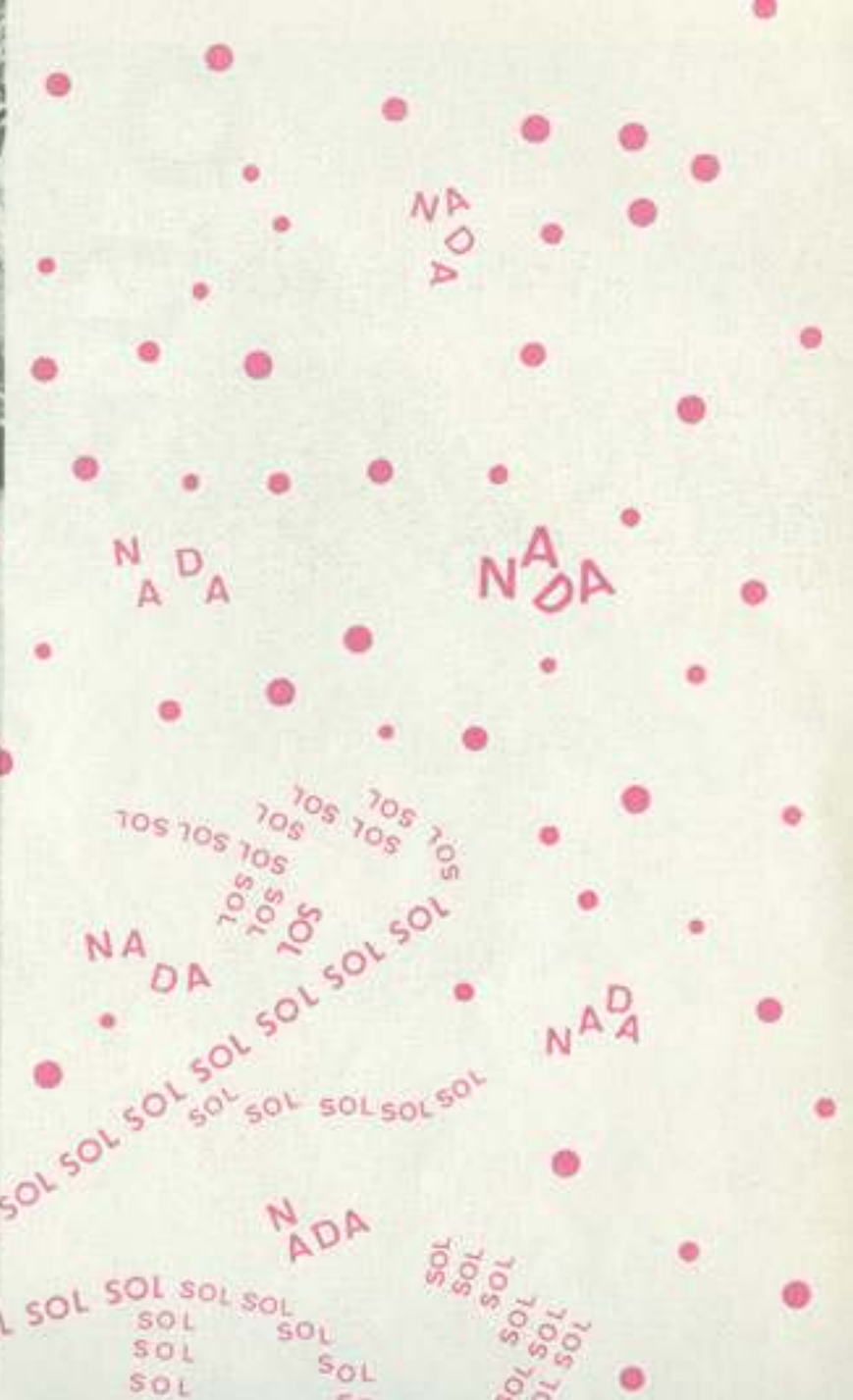
you were a teenage star fucker: projeto para uma leitura/maratona  
de textos e poesias. os grandes nomes da literatura os grandes os  
maiores os maiorais os grandes os maravilhosos. pound — joyce —  
stein — sousândrade — oswald — artaud — chandler — etc. intenção  
objetivo/meta: saturAÇÃO. para a abertura do virgem do não-saturado.  
ação: you were a teenage star fucker. branco, livre, maior de idade:  
fodendo estrelas. ter reter the burning of the books. re-fazer.  
re-inventar. procurar de novo. eu escrevo — eu não escrevo — eu  
não sei escrever — tu não sabes...

steve berg  
rio de janeiro  
junho 72





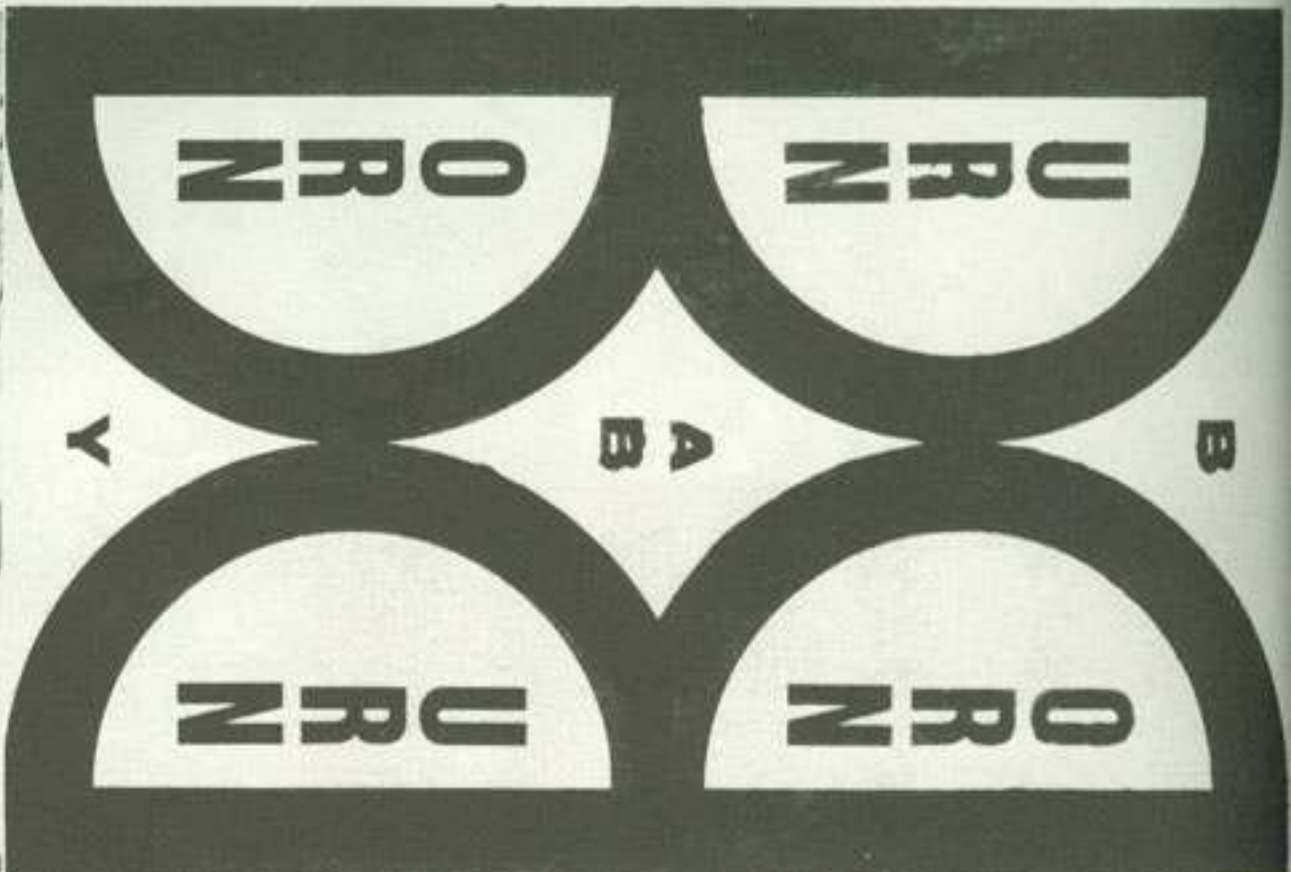
## LUIZ OTAVIO PIMENTEL



**OJJADA**

**OJJADA**

**OJJADA**





CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE  
 CI-NE



- NOITES CARIOCAS :
- NOITES CARIOCAS :
- NOITES CARIOCAS :
- NOITES CARIOCAS :
- NOITES CARIOCAS : PORCO
- NOITES CARIOCAS : CABEÇAS DE PORCO
- NOITES CARIOCAS : CAÇADORAS: A CAÇADORA
- NOITES CARIOCAS : SEGURAR A LA MODE
- NOITES CARIOCAS : SEGURAR SEGURAR SEGURAR
- NOITES CARIOCAS : SI ME QUIEREM LOCA
- NOITES CARIOCAS : SI TE QUIERA EU NOCHE  
 E NOCHE

# DIRCE & & HELO

JINGLE SILENCIOSO → CIGARRO PUXA CIGARRO  
 STONES: SISTER MORPHINE → FUMAÇA DE BOCA A BOCA  
 STONES: PLAY WITH FIRE → LÍNGUA NO RÓTULO "GENERAL"

FEATURING: Torquato Neto  
 Zé Portugues  
 Paulo Suply

LOVE · AMOR · FACAS · CASTRAÇÃO  
 (MÚTUA)

DUELO AO SOL (KING VIDOR)

MANGUEALIBAN  
 MANGUE ← SOLO →



(M · I · C · T · Ó · R · I · O · S)



-"Teu punho decepado teu seio bebendo à sombra



ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ



X



A collage of various letters and symbols scattered across the red background. The letters include A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, W, X, Y, Z, and various symbols like asterisks and plus signs. The letters are of different sizes and orientations, creating a dense, abstract pattern.

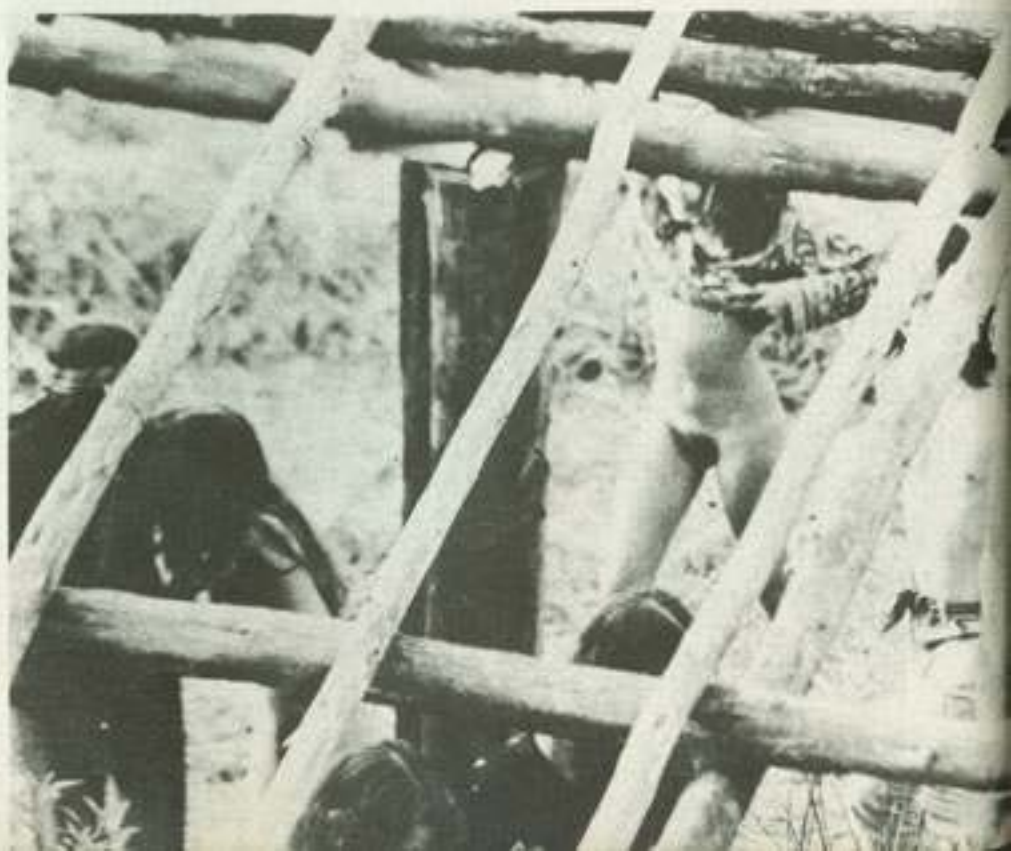
# URINA



D'ENTRE MALHAS SE OCULTE O SEMPREVIVO ARDE  
NO ABANDONO TREVA PISCINAS VEGETAÇÃO SAL PICADA  
FEL ALGUMAS GOTAS RUBRASEMINUAS SIMBOLO DA  
PASSAGEM ENTRE & QUENTIVER O SIMBOLO SERA  
PASSAGEM DIGO RUA DIA PELOS NOVES FORA PORQUE A  
POESIA É O INVISIVEL PORQUE A POESIA É TABULEIRO  
UMA ADEGA SEPULTADA ALEGRIA AFORA ISSO 666  
TENHO A CABEÇA E 7 LINGUAS  
MINGUANDO O SERTÃO ARDE ROMPE & MERDARDENDO D'ENTRE  
MALHAS OCULTA STRIPEASINSTANTE CAÇAÇA & FAÇA  
COMO FICA RUA REPETIDA E FICA COMIGO COPACABANA  
CORRENTES & RUA ORIENTE 266 CASA DO OPERÁRIO  
RUA DA INCONSOLAÇÃO CASA DOS OUTROS D'ENTRES MALHAS  
SE VEJA BITTER ANGSTURA E OCULTE O ERMO NO  
CORAÇÃO OCULTE SEJA .....

11/7/72.

# SEGREDO





**CHACAL**



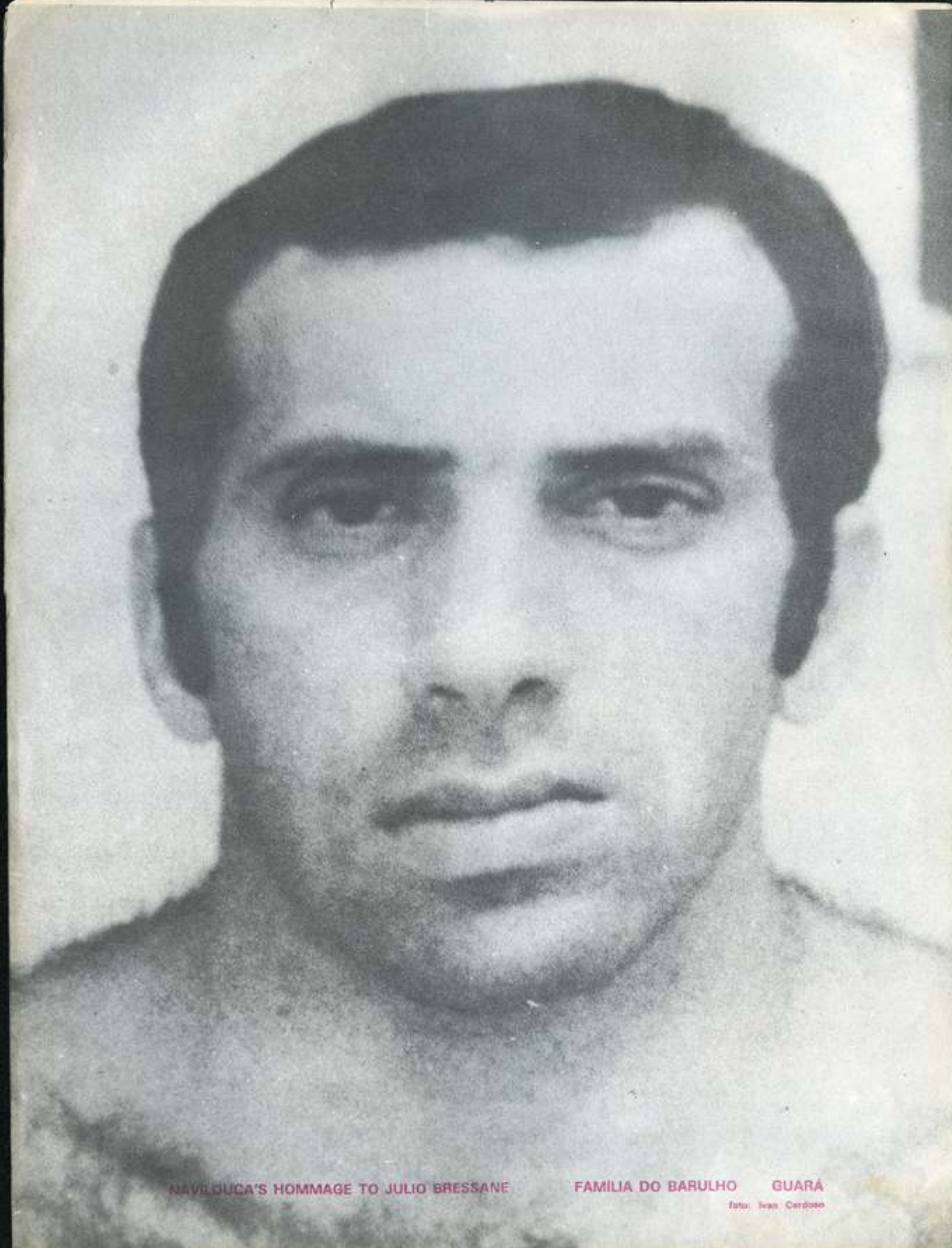


NAVILOUCA'S HOMMAGE TO JULIO BRESSANE

FAMÍLIA DO BARULHO

HELENA IGNÊS

foto: Ivan Cardoso



NAVELOUCA'S HOMMAGE TO JULIO BRESSANE

FAMILIA DO BARULHO

GUARÁ

Foto: Ivan Cardoso



IC

**LUCIANO FIGUEIREDO**



I.C.

**OSCAR RAMOS**

**GELÉIA GERAL TORQUATO NETO with love**  
**Ho New York, Febr. 3, 72.**

# **LAMBER O FIO DA GILETE**

## **GELIDA GELATINA GELETE**

layout-gilete: gilete-lâmina sem fio cortante: guarda a perversidade ambígua da  
gilete: pedaço de carne vaginada em mutilação ketchúpica d'HORTA  
TORQUATO LUCIANO IVAN ÓSCAR  
PER-VERSÃO longe de letrismos de INDIANA ou multimagens ARAKAWA  
(fascínio fácil): a borda no encontro de foto e vermelho brilha vermelho-sangue:  
só a foto guarda fio-lâmina na sua espessura

**TOTEMAMBIGÜIDADE:**

vagina GELETE: gilete-avesso: convite a lamber **GOSTO DE MEL:**

ketchup-suor: ou o corte na carne flácida

IVAN quer ser mordido: sua carne é oferecida ao bite de quem quiser  
a finura-feitura quer ser precisa: nenhum clichê-kitsch é invocado: só  
gilete-perversidade transpira como fio de espaço ambíguo: o corte no olho  
d'un chien andalou

**NOSTORQUATU em ação**

PER-VERSÃO da "sadia" arte brasileira: thanks god! versão perversa da  
"impossibilidade de ser neutro" em questões estéticas: não compatível com o  
clima de compatibilidade

de -FA-TAL- a GELETE

LUCIANO-ÓSCAR: concreção de ambigüidades: que lado da gilete você prefere?  
são os dois iguais? o corte é cego ou invisível? pra barbear ou castrar?

**GELIDALETE**

a nuvem-fresta d'un chien andalou pra onde olha o olho d'HORTA?  
para que escorre o ketchup-melmelado? a gilete gela flacidez da carne  
o nipple na margem a fresta no avesso  
como LIVRO descascado sem páginas ou capas — como objetarte reduzido a  
fio-espessura d'espaco — nem um nem outro: apenas fresta onde palavra escrita e  
imagem roçam o signo: signo-ambigüidade giletinosa: de que lado  
corta o fio? semiótica per-vertida banhada em ketchup

**HAROLDO DE CAMPOS: NOSTORQUATU É COMO SE MALEVITCH TIVESSE  
FEITO SEU QUADRADO BRANCO DE KETCHUP OU SANGUE VIVO**

qual a relação entre MONDRIAN e BUÑUEL? para onde escorre o ketchup?  
corte no olho-vagina sangrando frestas

# IVAN CARDOSO

APRESENTA

quotidianas kodaks



## TORQUATO NETO

EM

# NO BRASIL

ONDE SE VE DIA

VEJA-SE NOITE

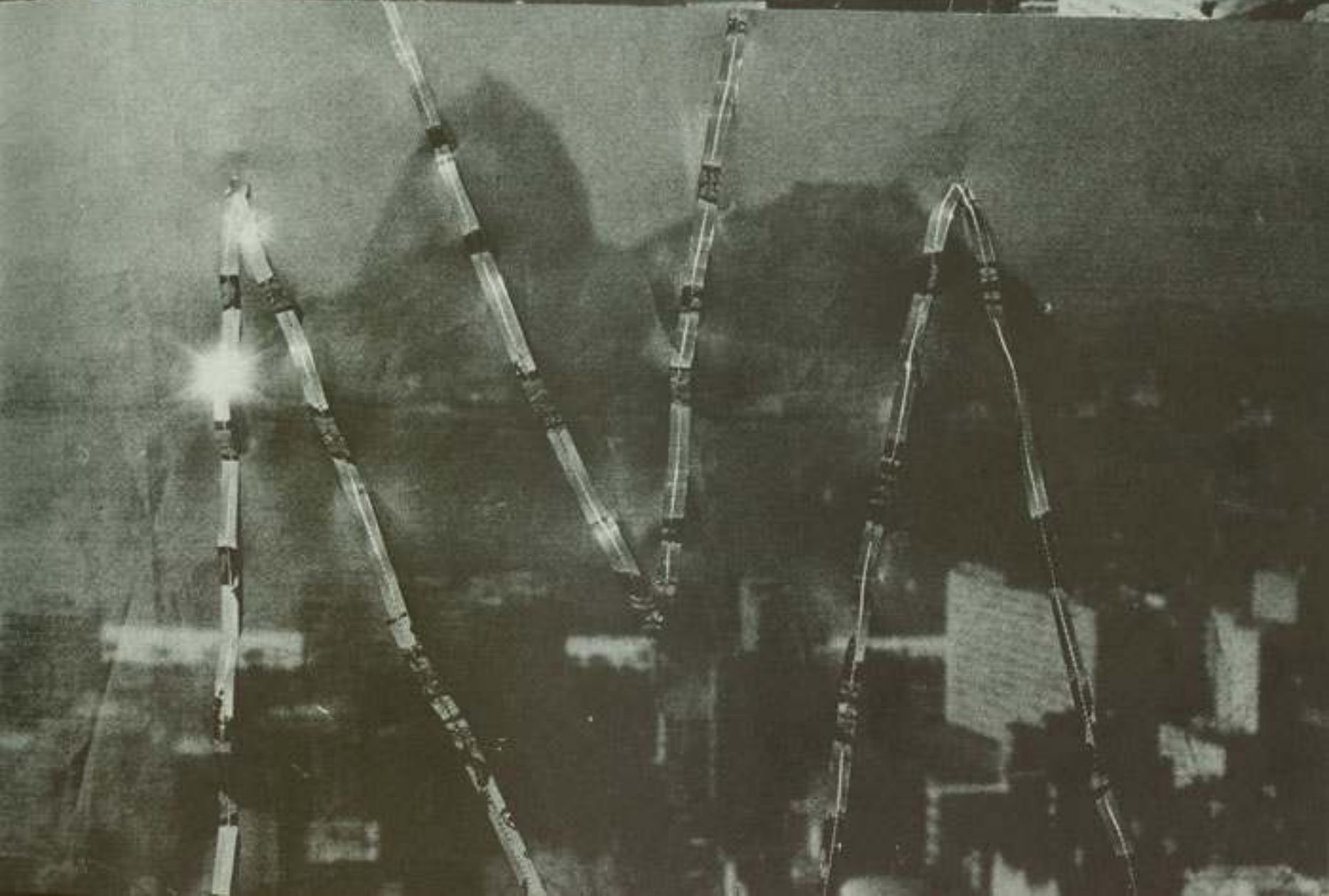
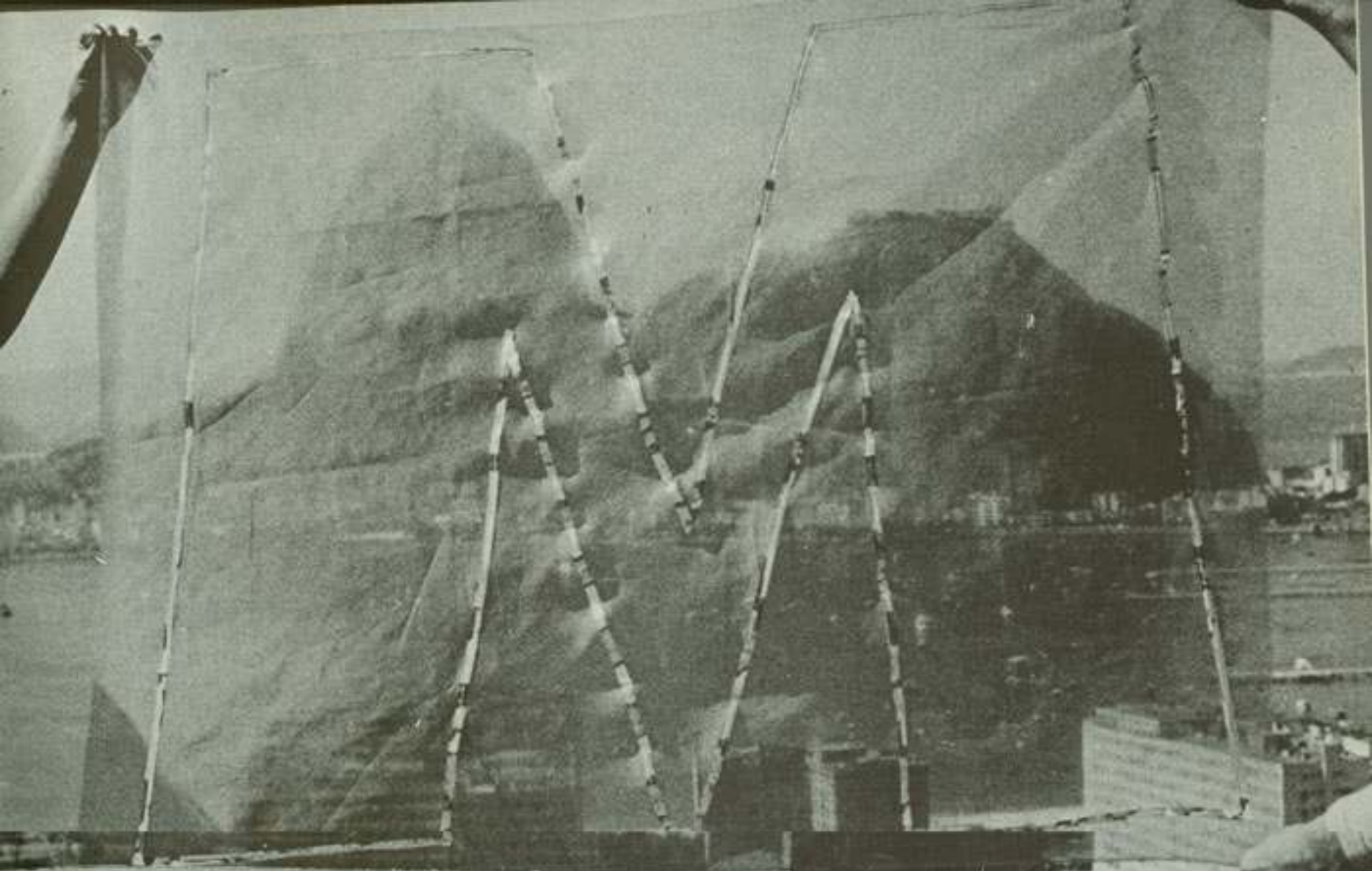


PRODUZIDO, DIRIGIDO E FILMADO POR IVAN CARDOSO

**2Tico**



**EMIG**







ATO



ENIGMA



ENIGMA



IMAGE



CINEMA



IMAGE

ATO



ENIGMA IMAGE ENIGMATICO



ATO MIB cinema

ENIGMATICO  
IMAGINE



MAGICO  
ATO magico MITICO IGNEO mito

MAGICO  
ENIGMA



ENIGMATICO

IGNEO

MIB



IMATICO  
IGNEO

ICONE

mito



IMAGE



CINETICO CINEMA ICONE ENIGMA IGNEO  
magico ENIGMA MITICO  
ENIGMA  
magico enigma



MAGICO



ICONE  
ENIGMA  
CINEMA

ICONE

CINEMA

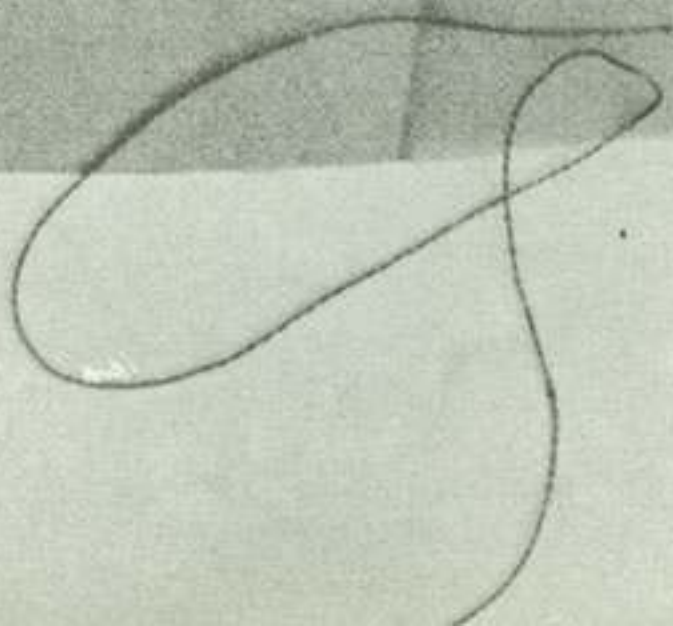
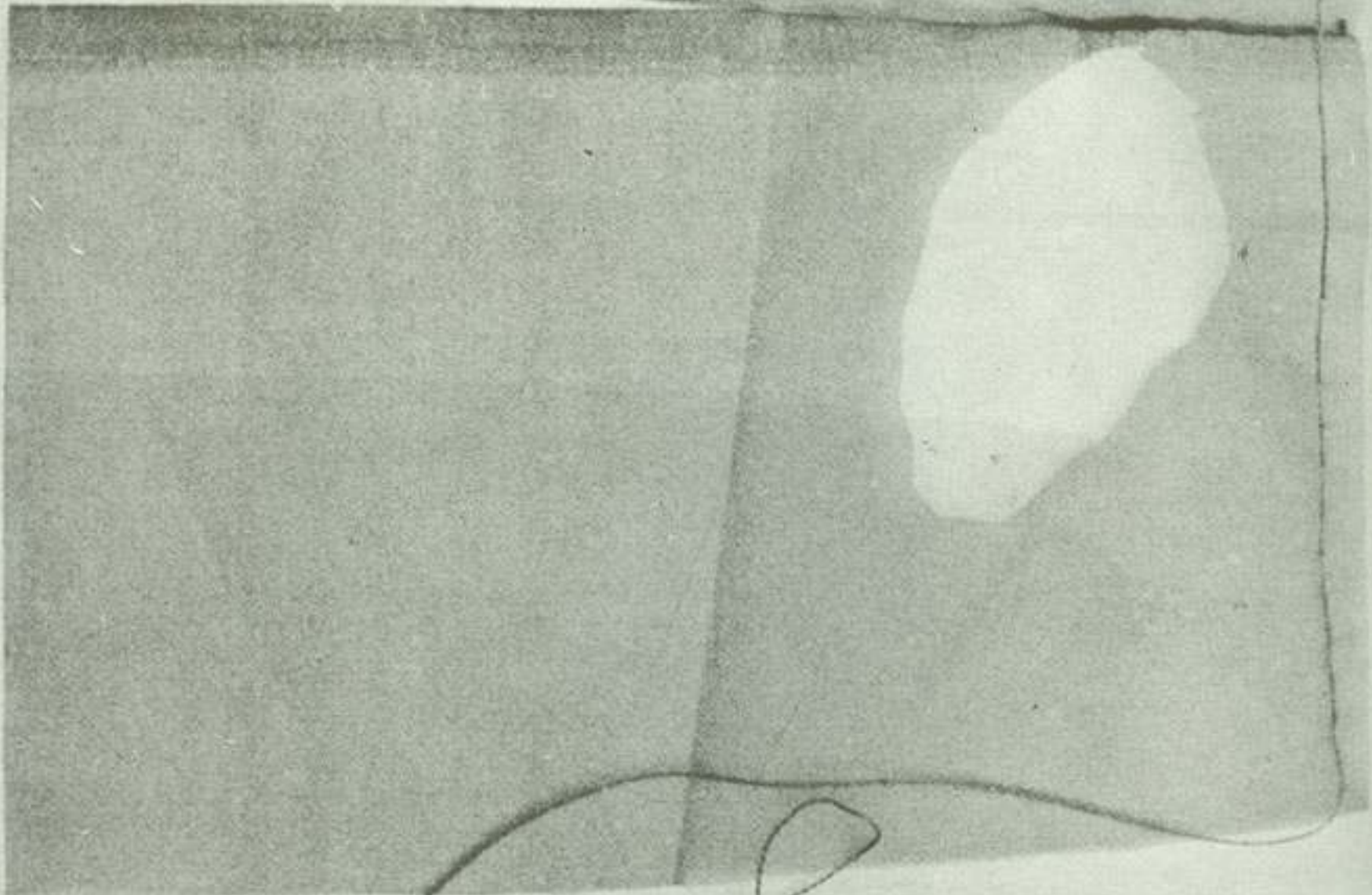


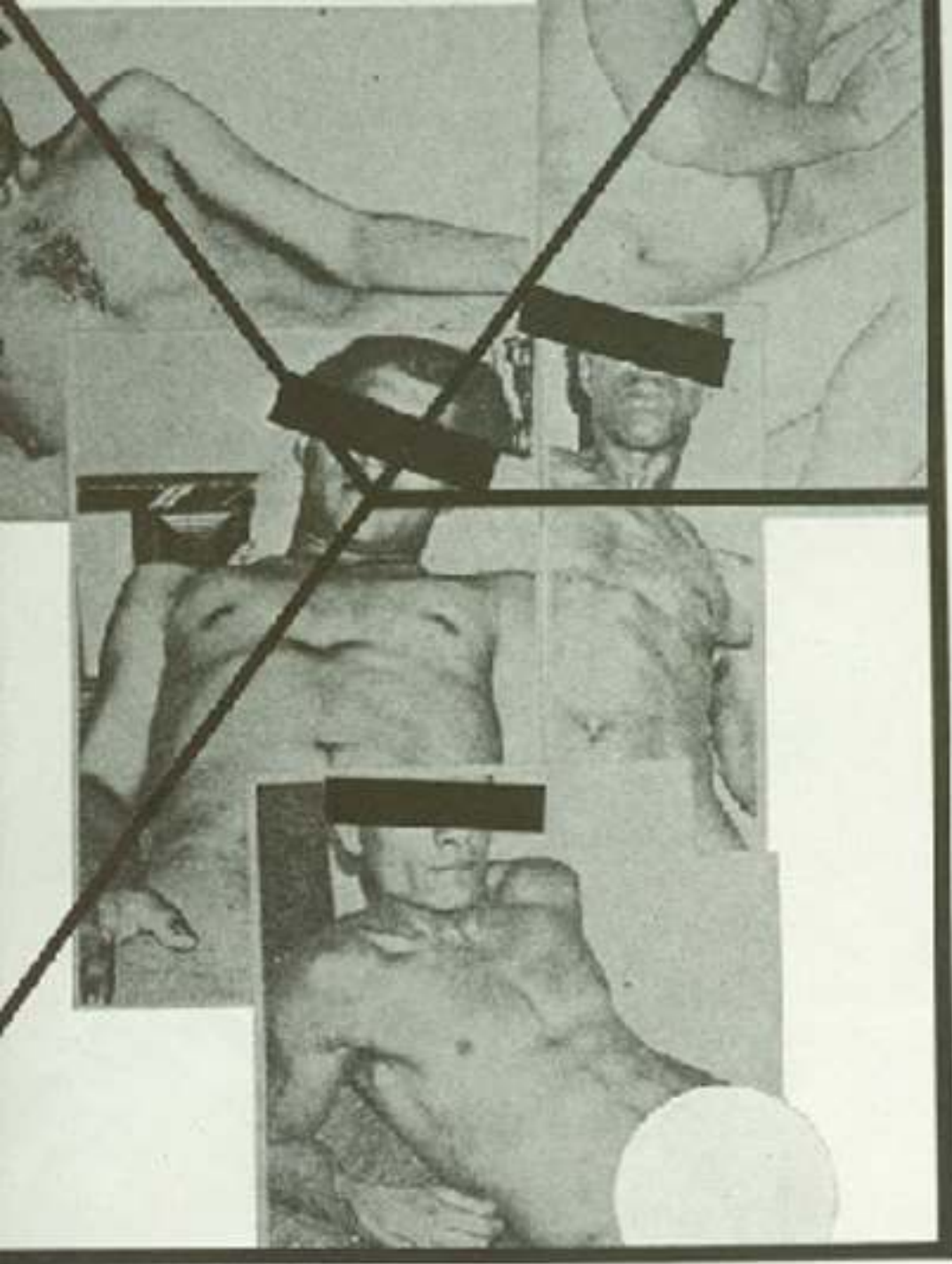
MAGICO



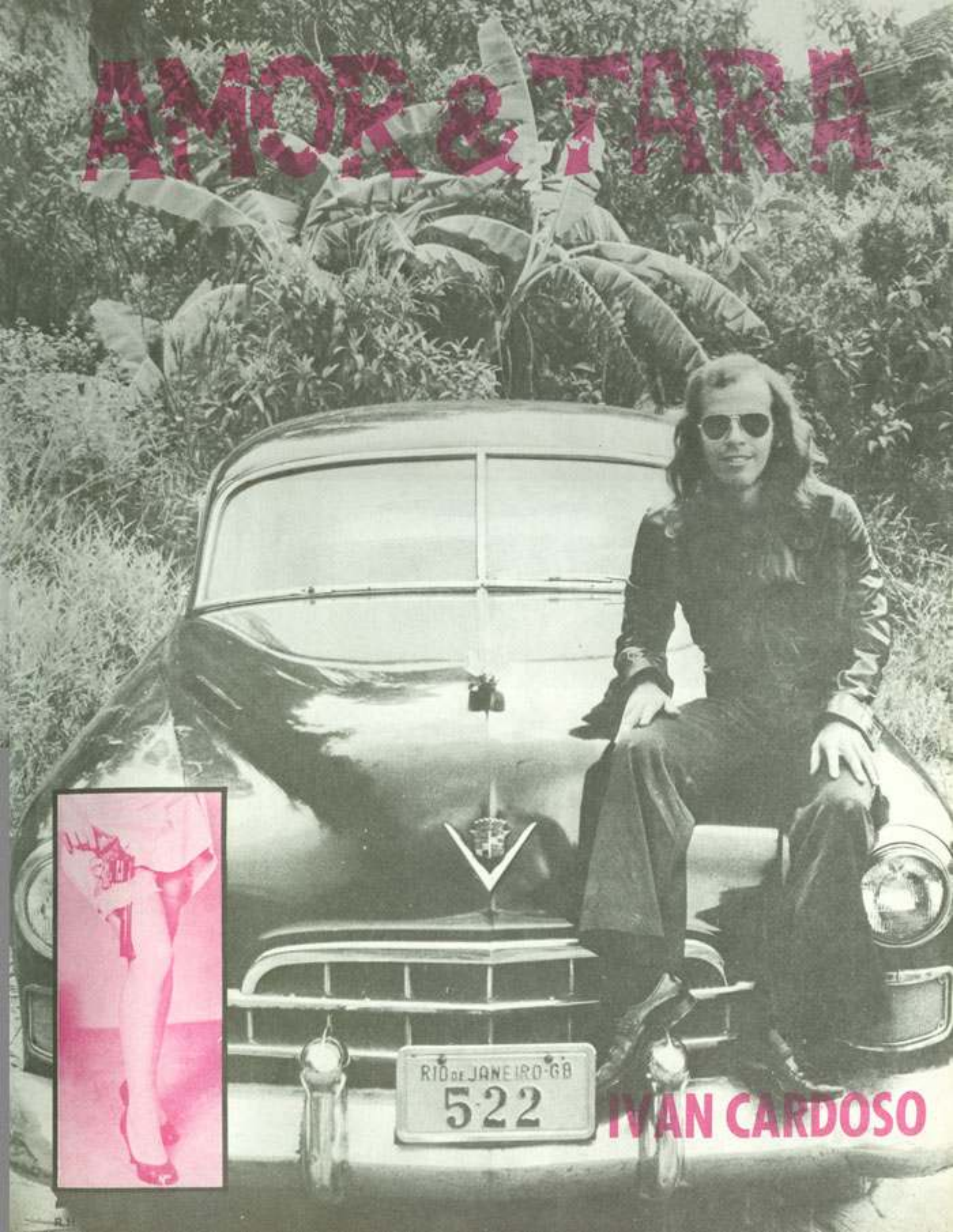
igneo







AMOR & FARRA



IVAN CARDOSO





C C C H H H U U U V V V A A A

D D D E E E B B B R R R O O O T T T O S S S

tr - COBO SA - EMO... E COSA E TAVEN... COSA

MU... E... DO... OS... OS... OS...

*Le' Lunda de*  
O GOSTOSO DA PAROQUIA

AS SETE MARAVILHAS DO MUNDO MODERNO





CARICIA FATAL

Você não viu nada e quer ver tudo. Você viu tudo, mas não viu nada. Teme o que desconhece e enfrenta o que conhece. Por que teme o que conhece e enfrenta o que desconhece? Sua mente confusa não sabe o que procura. Porque o que procura confunde a sua mente. E nasce o terror. O terror do morte. O terror da dor. O terror do fantasma. O terror do outro mundo. Agora vê no terror que nada é terror, não existe o terror. No entanto o terror o aprisiona. O que é o terror? Ah! não aceita o terror porque o terror é você.

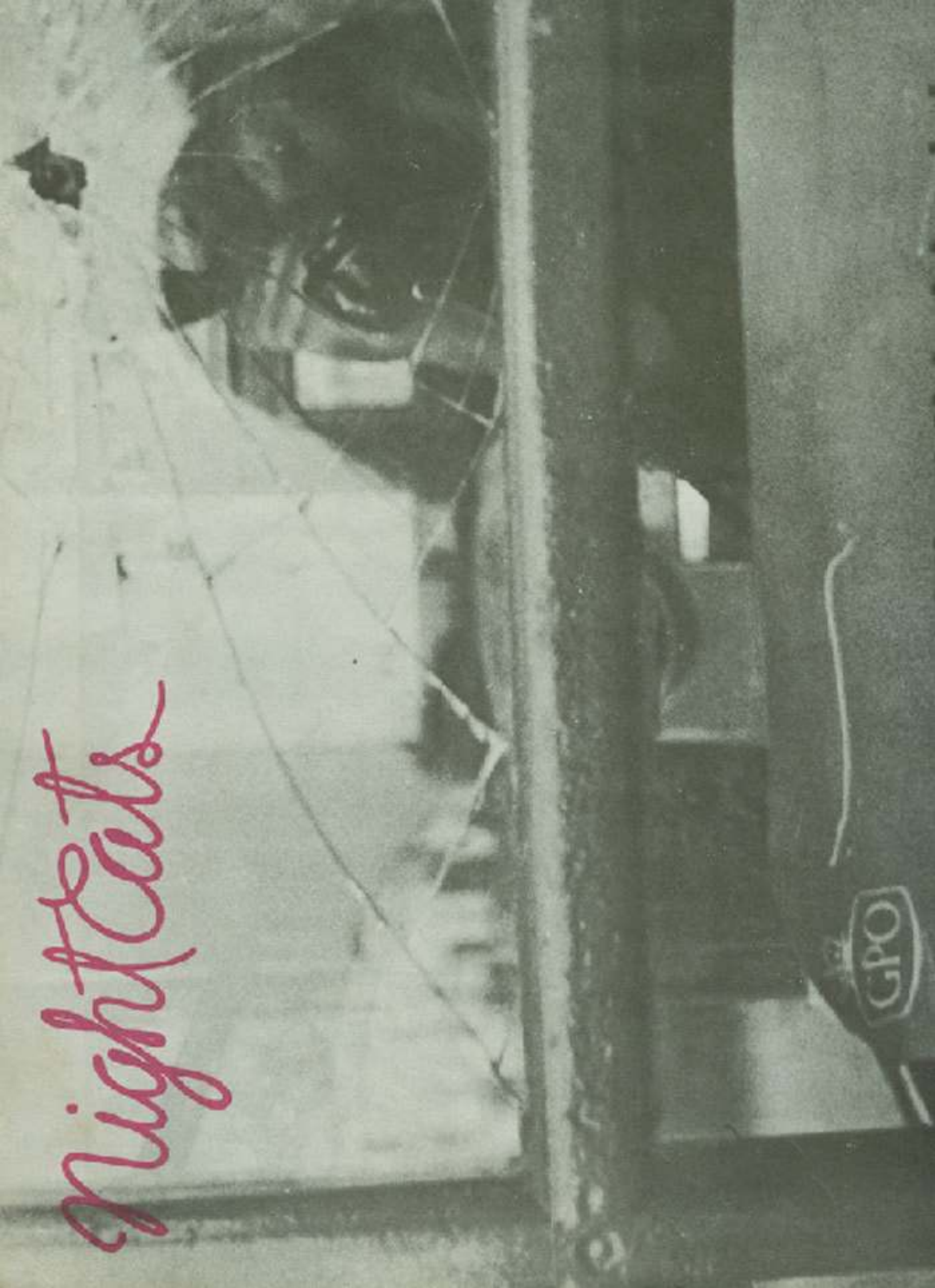
**ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADAVER**







*Nightcats*



# ivanps



LYGGIA CLARK



Da supressão do objeto.  
(Anotações)

Desde que o objeto perdeu o seu sentido como meio de comunicação e o homem entra como temática sendo o objeto de si mesmo e do outro, a ligação arte e patologia apresenta novos aspectos curiosos:

- o artista que está interessado em trabalhar com psicanalistas dando o seu material ligado diretamente com o corpo para regredir pacientes e fazê-los tomar consciência do próprio corpo. Material esse colhido de dentro do próprio artista que viveu sua própria regressão e crescimento através de sua elaboração, tendo o que Laing chama de "acidentes psicóticos";
- o artista vivendo a sua patologia em público, seja queimando seu próprio corpo como Gina Pane, ou ilustrando o objeto com o próprio corpo como um americano que se estende no chão e se chama "ponte";
- outros expõem a própria patologia como "obra de arte", o que suscitou grande escândalo na Bienal de Veneza em que um artista alugou para tal um mongólico.

O curioso é que se expressar através da arte foi até hoje um meio de recuperação para os doentes mentais. Mas aí o expressar-se era ainda uma projeção e hoje já não se trata de projeção mas ao contrário, de introversão. Receber em bruto as percepções, vivê-las, elaborar-se através do processo, regredindo e crescendo para fora, para o mundo. Anteriormente, na projeção, o artista sublimava os seus problemas através de símbolos, figuras ou objetos construídos.

O artista que perde a autoria da obra teve inicialmente várias atitudes compensatórias. Cultivou a sua personalidade como obra, passou a ser a sua própria assinatura. Outros se voltaram para o misticismo na necessidade ainda de uma poética transferente. Acabar com o "objeto transferencial" e assumir-se me parece sua maior dificuldade.

Assumindo a sua patologia e acabando com o "objeto transferencial", ele não precisa de ilustrá-la utilizando para isso o seu próprio corpo, mutilando-o, sofrendo e expondo ainda a mesma através de um caso clínico como o fez o artista que expôs o mongólico.

Hoje tudo está sendo checado fundamentalmente, o anti-objeto, a anti-psiquiatria, o anti-édipo, é difícil delimitar a fronteira normalidade e patologia. Mas sobram os comportamentos, embora caiam os títulos, e os mesmos merecem atenção. O que significa o artista se mutilar em público? Vamos esquecer a palavra masoquismo, auto-destruição, a palavra sadismo relacionada com o público. Destruir o próprio corpo na medida em que ele se transforma em temática, em que ele é o próprio objeto transferencial agora já eliminado, é destruir-se a si mesmo ou está inserida nessa destruição o mito do artista? Ou nessa aparente desmistificação o mito do artista cresce na medida em que ele artista é o objeto desse espetáculo? Qual a diferença de um artista que corta e destrói uma tela para negar a mesma como objeto de expressão? Me parece mal resolvido como pensamento da negação da obra e do mito do artista. Atitude romântica do artista que ainda precisa de um objeto, mesmo sendo ele o objeto, para negá-lo.

O artista que se chama "ponte" tomando a forma da mesma. Desde que o objeto morreu, ele substitui o objeto no sentido literal e passa a ser o mesmo numa atitude meramente ilustrativa, esqueçamos o termo catatônico. Ora, na medida em que ele se torna objeto, ele não assume a perda poética ainda transferida, ao contrário, é ainda o corpo que se torna objeto, mas não há salto qualitativo, é uma atitude regressiva.

Quanto aos que expõem a patologia como obra de arte: pode ser uma decorrência do cruzamento da arte e patologia que está havendo na essência, falta de pensamento total, de percepção do verdadeiro sentido desse problema tão grave e belo, deturpação que se poderia chamar modismo...

Através do "caminhando" perco a autoria, incorporo o ato como conceito de existência. Me dissolvo no coletivo, perco minha imagem, meu pai e todos passam a ser o mesmo para mim. Escrevo sem parar, acho a ligação da poética transferente da arte com a religião, escrevo textos negando o nome como identidade pessoal das pessoas. Tomo consciência que o "caminhando" é a primeira passagem do meu eu para o mundo percebendo a totalidade do ritmo desde o futebol da praia até Mozart. Tomo também consciência da crise geral da expressão na literatura, dos gêneros que caem, do teatro. Perplexa sinto a multidão nos metrô na cadência dos passos somados, no cruzamento de corpos que quase se tocam mas que se afastam, cada um tomando rumos secretos de existência privada. Falo e ninguém entende. Não consigo comunicar essa mudança de conceito que para mim era tão profunda e radical dividindo a arte entre "o que já era" e o que poderia ser. Sinto profundamente a queda de valores de palavras que deixaram de ter significado como o "gênio" e a "obra", o individualismo. Penso e vivo a morte. Sinto a multidão que cria em cima do meu corpo, minha boca tem gosto de terra. Faço o meu mausoléu com caixas de fósforos, saio para a vida, redescobrimo sons com uma agudeza impressionante. A vida estava se abrindo como uma afirmação de vida mas vivida ainda como morte, vazio total. Raros momentos de integração em bruto com a realidade. Encostada num tronco curvo de árvore me sinto como se fosse o próprio tronco. Passando a mão em volta de uma estátua, viro a prega do seu manto. O cotidiano, o niilismo, a imobilidade, penso na morte como solução.

Sonho: Minha cara era lisa, sem arquitetura, sem relevo, sem cavidade. Percebo um ponto no lugar de um olho — possibilidade de recompô-la por mim mesma, desenhando-a.

Através de pequenos objetos sem valor como elásticos, pedras, sacos plásticos, formulo objetos sensoriais cujo toque provoca sensações que identifico imediatamente com o corpo. Daí o nome "nostalgia do corpo", fase analítica em que decomponho o corpo em partes, mutilando-o para reconhecê-lo através do toque com grande sensualidade.

A fantasia do mundo como um grande bicho não percebido pelo homem. Deixava construir sobre o seu corpo, pequenas arquiteturas, cidades, deixava navegar no seu miolo que são rios, tragava tudo ao esboçar um bocejo ou um pequeno gesto. Com a abertura das pernas ele inundava cidades, destruía pontes que o homem reconstrói sem a percepção dessa totalidade mundo-bicho que incorpora tudo no seu ventre. A nostalgia do homem de ser coberto unificado no grande corpo. Quantos sexos ele tem, acho que são vários e que ele copula consigo próprio. Dentro do seu peito habita uma ave — pasto para um leão que habita o seu ventre. Ritual, festim, renascendo cada dia a ave para ser devorada pelo leão. Quando passo pelos campos vejo em dois cruzamentos de colinas os seios do bicho. Percebo nas planícies o seu ventre e através dos tufo de árvores os seus sexos.

Em cima da mesa articulo pequenas pedras com elásticos a que chamo natureza e toda mulher que vejo passar carregando um saco, esse saco é parte do seu corpo tão vivo como um ventre.

Formulo grandes "máscaras-órgãos" com plásticos sacos de cebolac com pedras. Quando se coloca essas máscaras se percebe um grande espaço abismal e o tocá-las ainda é o reconhecimento do corpo. Perdi minha identidade estou diluído no coletivo. Me vejo através de todas as pessoas independente de sexo de idade. Tento reconstruir a arquitetura da minha cara me apropriando das fisionomias que vejo.

"Eu sou o outro". Me sinto tão elástica e maleável que me adapto a toda a sorte de contactos. Vivo toda a sorte de situações secretas e imaginárias. O acoitar o pênis entre as pernas num quarto desconhecido. Parceira de um abraço visualizado num casal. Sou a cabeça da mulher que fez dobras na camisa branca de um homem solitário. Incorporo as estrias grávidas que a barca abre no Sena como uma faca penetrando a carne do corpo. Reconheço a solidão da puta como "a estrangeira" na percepção do homem que parte. O inconsciente aponia através de sonhos uma regressão profunda. Passo através de túneis, sou expelida, me vejo rodeada de fetos, seios com forma de cabeça de serpente que vomita uma substância compacta, substância essa expelida por mim em sonhos do passado até introjectá-la como parte integrante do meu corpo. Sinto a nostalgia da normalidade e tenho medo da loucura. Controlo o meu inconsciente, corto na fase crítica os sonhos de regressão, induso o inconsciente a soltar um material de crescimento. Fragmentada vivo o erótico com um, a sensualidade com outro e ainda a criança perversa e libidinosa em função de um terceiro. Estou "possuída" apelo para o diabo e tenho horror a tudo que se refere a magia negra — vejo seus signos em riscos deixados em passeios por patins, em rachas de paredes envelhecidas, em fisionomias curtidas pela velhice ou pela dor. O tempo fragmentado: momentos de euforia, pausa, niilismo; sou um ser à parte no mundo, coberta pelo meu corpo, escondida, paralisada, à espera de como dar continuidade ao conceito do momento, do precário, religando as pausas sentir que um dia é um dia mas que a soma são na realidade dois e que um mês tem 30 desses dias para depois se desdobrar no tempo de uma vida.

Depois de ver um livro de fotografias pornográficas percebi que meus trabalhos proposições eram muito mais eróticos que o livro que havia visto. Ser tocada por um amigo que tinha na sua cabeça uma máscara sensorial provocou um grande choque em mim como se tivesse profanado o meu trabalho ainda vivido como sagrado. Depois o propor essa ligação veio da minha parte: passei a pedir às pessoas que se tocassem sem medo e vivessem essa experiência erótica ainda proposta através de um objeto intermediário.

A percepção da carga erótica nos sacos cheios de pedras, nas máscaras-órgãos fálcos, das mucosas do sexo no toque de um saco cheio de ar, da penetração no expelir a pedra entocada nesse saco, do seio pressionado pela mão, do entrelaçamento

dos corpos copulando na passagem do túnel, da briga do macho e da fêmea por cima por baixo, da passividade da fêmea deitada e do homem por cima, do acoirar-se a dois através do "diálogo" o toque das pedras penduradas nas costas do homem que sustenta o túnel do nascimento — colheres, do hálito fresco ou fétido do parceiro nas proposições gestuais, cara a cara, poro a poro, suor, a promiscuidade de corpos lúdica que se repolem, se entrelaçam, se agitam e esboçam o ato da multiplicação da espécie a unificação do "profano" e do "sagrado".

sempre no processo do fazer-se a cada instante. Passa uma manada de bodes pretos que me olham com olhos resgados cor de mel. Magia negra, estou invadido pelo inconsciente. Engatinhando deixo o morro preso na âncua na areia na terra e aspiro o ar. Penso em arrastar dentro de uma garrafa osseos elementos para num rótulo dar-lhes outra vez identidade. Como alguns calamares: é como se engolisse a paisagem, é algo sensorial. Três noites, três dias sem dormir. Na quarta começo a chorar e a bocejar até cair de exaustão dormi. Ao acordar me vejo no espelho e redescobri a mim para o meu eu que me fora negado e dissolvido por tanto tempo.

Me sinto sem categoria, onde meu lugar no mundo?

Tomo horror a ser catalizador de minhas proposições. Quero que as pessoas as vivam e introjectem o seu próprio mito independente de mim.

Sonho: Me vi nus enorme, eu era a paisagem o continente, o mundo. Em torno de meu péis, pequenos homens construíram uma barragem. Barragem de contenção ou grande lago para todos nele mergulharem.

A negação de qualquer expressão de proposições e a percepção da vida para ser vivida. Reaver as percepções em bruto sem passar por qualquer processo intermediário. A percepção da arquitetura da idade média em que o mesmo é ainda um corpo, abrigo poético, tendo o homem ainda necessidade de habitação. Nostalgia do útero. O reconhecimento dos espaços percebidos nas últimas proposições em que já não havia nenhum objeto intermediário, como um espaço que reconheço como espaço interior do corpo. Espaço esse ligado numa noite com a

Sonho: Estou fazendo minhas experiências com os plásticos dentro do útero.  
A água era o elemento que preenchia todo o vazio do espaço.  
Acordo e choro toda a noite.  
O que me falta para complementar todo esse vazio.

Gabriel: De súbito o solo todo revolvido, a terra se move num processo caótico como o começo do mundo. Sinto um calor que vem de dentro do corpo como se tivesse engolido um tijolo quente. Sinto-me grávida. Num tál, em direção à praia, tenho a percepção de um sonho antigo: e vejo as costas,

assentada na garupa de um diabo em cima de um peixe vermelho vendo a terra em baixo. Percebo o sentido do tempo e percebo a terra que continua o mesmo processo, se fazendo e desfazendo continuamente. Passam-se horas que na realidade são segundos. Chego à praia. Passo a noite num estado alucinatório total, o tempo continua elástico, enorme, num minuto tenho a percepção de séculos. Visão constante de uma forma que me parece ser a soma dos dois sexos, feminino e masculino. Dentro de mim uma criança chora de pavor. Vou ao banheiro — vejo minha cara no espelho, deformada, a pele está solta, os ossos por baixo estão tortos, sou uma velha de 5.000 anos de idade. Compreendo Goya pela primeira vez. Da varanda vejo o mar a terra o ar e tudo me parece mercúrio. Os sons me penetram de uma maneira aguda, passam pelos meus nervos invadindo todo o meu corpo. A terra própria virgine onde o feto para nascer tem que mergulhar. Espaço abissal, túnel, morte, passagem condutora para a vida. Espaço vivido pelo feto como morte ligando a dualidade vida — morte. Problemática que o acompanha em todo o seu processo de maturação ovo — maralho. Regressão do feto que sai do seu verdadeiro habitat, útero. O angústia o espaço exterior para abrindo os pulmões num grito, espaço esse identificado por mim com o que chamei há anos de "vazio pleno" em que o poeta ainda era transferente. Relacionamento do espaço metafísico com o imanente. Lá nada invento só as invenções nascem a dois e três numa troca comum de diálogo sendo isso que mais colado a vida consegui prober. Devido a proposição e boíte a inversão do outro. Grande instinto de morte colado a grande vitalidade. A consciência de que não havia opção para fazer tudo o que fiz até agora, várias opções se abrindo para viver a vida de varias maneiras, o espaço real onde na dinâmica do corpo aliamos meus passos, meus gestos, o tempo real onde se manifestam coisas concretas. A recolocação do real em termos de vida. Pensamento mudo, o se calar, a consciência de outras realidades, do meu egocentrismo que de tão grande me fez dar tudo ao outro, até a autoria da obra. O silêncio, a interação no coletivo, a reconstrução do meu eu, a procura de um profundo sentido de vida no grande sentido social, o meu lugar no mundo. A consciência de que o entregar-se no fazer amor não existe mas sim uma apropriação de péis como parte integrante do meu corpo o me sentir através o outro como se copulasse comigo própria. O outro passa a ser eu, o inverso do conceito expresso e vivido por tanto tempo como eu sendo o outro.

PENSAMENTO MUDO

PENSAMENTO MUDO





**CAETANO VELOSO**

# DE TENTATIVA DE SIMULAÇÃO DE SALADA DE TREINO DE

sais eram (espelho) maresias

eram olhe (pés, mãos) onda                      anda

nada

ainda

soam doem<sup>do</sup>

no meu coração de poeta romântico  
antigo amor

(sempre entre o mar e aquilo que o mar espelha)  
as palavras

primeira tentando roubar as nemes às coisas, logo costurando-se/os/as  
(oh meus olhos estão acostumados a moverem-se horizontalmente por causa  
do mar e da escrita, por exemplo.

contemplar aqui há milênios amaranillanifinalinarama — troca  
d'olho — amare, amareil anil: verde perto (o poeta augusto na pituba, fora  
da barra, '68) há milênios sentemplar o perto e branco do papel um hori-  
zonte de letras o horizonte das letras um horizonte de letras o infinito  
sempre continuado horizonte das letras mas a profundidade dos números  
um horizonte superfície flor d'água de letras e a profundidade abissal dos  
números o vértice da poesia ah o vértice da poesia é o vértice da poesia  
que quero trazer para esta má contudo o mesmo mar que tudo contudo para  
esta o mesmo mar que tudo espelha se espalha (variante: o mesmo mar  
que tudo espalha se espelha) nesta página do meu repertório oiro reper-  
cutecute cinco letras cinco — o vértice da poesia o antigo sonho de viagem  
dos poetas de trazer transparência fundura abismo adivinhação vertigem  
ao papel plano das palavras escritas à horizontalidade morta das letras à  
retilínea mudez delas oh os poetas inventaram inventarão para sim mesmos  
o mito de que as assim palavras foram antes som de ser palavras — alma:  
alga: lama mal amalgamada — som como a mágica música som como a  
alma do mundo que temos os olhos separados dos ouvidos), velando e  
relevando o talvez nome sem nome que as coisas têm de nós dentro:

evadeus se dumá quando o céu todo se desconstela diadão:  
é aqui que s'urge o personagem freminino, ger'um dia, vem sanhassonhando,  
cantarrolando aurorebexio, assabfiando, andorindo, passarando passo-perto.

— "à tarde, quando de volta da serra  
com os pés sujinhos de terra  
vejo a cabocla passar" —

— aparece o personagem maculino.  
]— "as flores vêm pra a beira do caminho pra ver aquele jeitinho  
que ela tem de caminhar"

resto da gente abelanada.  
— "e quando ela na rede adormece  
e o sol moreno esquece de na camisa ocultar"

e dela olhar apenas guimardesçoço a dela epiderme.  
— "à noite de seus cabelos o grampos"

quando tudo murieçoça lagarriçoça, sapode, tudo cobra, tudo louva-  
deus, tudo, deus pós, maripouse borboletantemente.

— "somente com o nome dela na boca  
pensando nessa cabocla  
fica um caboclo acordado."

essa angústia que o paralisava ao crepúsculo deve-se apenas ao  
fato de ele ser o personagem central deste livro. este livro é a maldição  
daquela moirina na medida em que é a salvação do seu autor.

ou:  
merbia um cigarro num dos cantos da boca enquanto palavras  
escarriam pelo outro. arredação, nojo ornamentiras — e aqui vai uma  
homenagem ao meu amigo e poeta michael chapman, gigante de porto-  
belio, único jornalista e único jornalista do "daily liar" —, ensourdescia nos  
berros das paredes de exgoito, no dactilologo amado ar falso do raio de  
epganheiro, nesse momento de glandeza, o nosso personagem se esporrana

na caldeira e pensa, tanaz: o brasil arde, reparafliza no olear as duras únicas  
pernas da esgarrindo-se novisca extasiária e fá-la: deus te abençoe, minha  
filha, e trepols: ai minha filha, ai minha filha, ai minha filha, reticente-se  
cheio de vilhice, fardigado estica os suspensários e quase escrouve: a

moral brasileira vai ganhar muito com isso, enquanto lá fora tarachimbunda  
a lixeratura machonal.

## ENTREVISTA

a que você atribui o fato de ter a opinião pública o distinguido?

— Meu pecado muito originalquando eu nasci um anjo torto desses uma  
pedra no meio do caminho vai que é mole eu sou o lobo mau eu sou o  
lobo mau eu sou o tal tal tal tal tal talvez quem sabe terai eu apenas  
setenta centímetros de altura faltarme-há uma perna neste país não meu  
filho né pois é né será né meu coração vago né pois é né e diria inclusive  
aqui e agora minha idade verdadeira né é né e agora José a minha idade  
verdadeira é a idade da pedra polida e pronto né de todas as minas de  
bahias de onde venho assim cansado de que marcha de que samba das  
minhas minas bahias gerais de todas todas os meus amigos são reencar-  
nações de lampião de dom Bosco de rodolfo valentino de akenaton ou né  
eu não eu sou a reencarnação de um cujo nome não consta homem neolítico  
e porisso.

você já viu algum disco voador?

— Só de fotografia.

o que acha do LSD?

— Certa feita eu tomei um LSD, uns amigos vieram, eu tinha que fazer  
essa experiência, eu tomei um, cá sabe, achei uma boa droga.

que acha de Miller Fernandes?

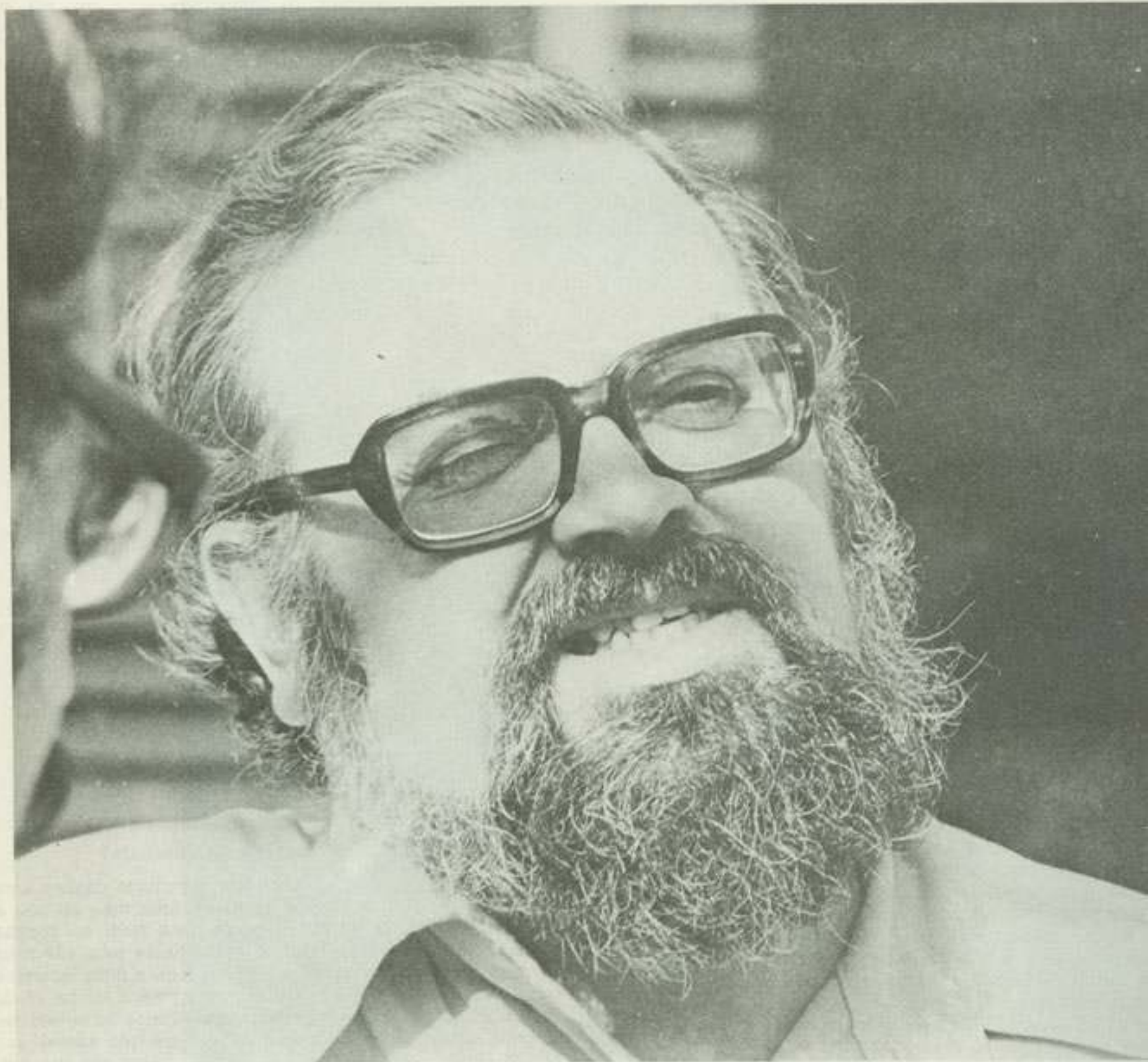
— Prefiro Nelson Rodrigues.

você assegura que estava nos aposentos do Papa Paulo VI?

— Y lo puedo probar. No tengo miedo de esas que no tienen el coraje  
de poner la cara. He dicho que dormi con el Papa y le pruebo. Porque yo  
tengo el coraje de poner la cara. Yo no soy un hereno, soy un niño. Pero  
aquellos que hicieron lo que hicieron con mi madre, con mi madre. MI  
MADRE, señores, no se puede hacer una cosa de esas a una madre, para  
esas yo ofresco mi deprecio. Algunos dicen que yo soy comunista, que  
yo soy un hombre de isqui-quierdas; pero mi filosofía es la filosofía pura,  
la filosofía del amor, de la sonrisa y de la flor. Tampoco soy hippy o parti-  
cipo del movimiento de la bossa nova. Soy un niño y soy sociólogo sicólogo  
filósofo matemático místico bailarino escritor dentista poeta y etc. etc. etc.  
No soy un hereno y no tengo miedo. Gracias, Señor.

você é antes de tudo um forte ou não passa de um mestiço neurestênico  
do litoral?

— O nosso machonalismo é merdavelo e puti.



# HAROLDO DE CAMPOS

# **SOUSÂNDRADE: RASCUNHO PARA UMA URNA**

**ignição  
de signos**

**hino!**

**discorde  
harpsicórdio**

**topázion-flor!**

**sinos  
desacordes**

**sina  
inciso  
sinal**

**insânia: a**

**sangra  
o dente  
do siso**

**insígnia**

**riso  
clandestino)**



NOTA EM FILIGRANA: O fotopoema é de Jaroslav Malina. Quanto a esse texto em progresso, iniciado em 1963, seu projeto, esboçado em "Dois dedos de prosa sobre uma nova prosa" (Invenção 4,1964), aproxima-se daquilo que Roland Barthes descreve como "texto plural" em S/Z (Seuil, 1970): "esse texto é uma galáxia de significantes, não uma estrutura de significados; não tem começo; é reversível; é abor-

dável por múltiplas entradas sem que qualquer delas, com segurança, possa ser considerada a principal; os códigos que ele mobiliza se perfilam a perder de vista, são indecíveis (o sentido não é nele submetido a um princípio de decisão, a não ser por lance de dados); os sistemas de significados podem apropriar-se dele, mas seu número não é jamais clausurado, tendo por medida o infinito da linguagem" (H.C.).

cadavrescrito você é o sonho de um sonho escrever em linguamarga para sobreviver linguamorta vagamundo carregando a tua malamágica za ubermappe para fazer a defesa e a ilustração de esta língua morta esta moura torta esta mão que corta um umbilifio que me prega à porta a difusa e a degustação de e em mil uma páginas não haverá ninguém algum nehum de nenhúrias que numa noite núltima em noutubro ou em nãovembro ou talvez em deslembro por alguma nunca nihilíada de januárias naves novilunas finisterre em teu porto por isso não parta por isso não porte reparta reporte destrinça esta macarroniada em malalingua antes que o portogalo algaraviando-se esperante o brasilisco e este babelório todo desbordele em sarrapapel muito fácil teu entrecho é simples e os subentrechos mais simples ainda alguém poderá falar em didascália uma palavra que termina em álea mas o certo é não diferenciar entre motivo ou tema nem apelar para mitemas fabulemas ou novelemas ou se perder no encaço da melhor tradução para récit ou do distingo entre novel e novela nem útil saber se fábula ou conto-de-fadas é o ~~o~~ termo que equivale ao russo skaz bichos-da-seda se obsedam até a morte com seu fio e o corcunda só se corrige na cova não se trata aqui de uma equivalenda mas de uma delenda esquiva escava e só encontrarás a mão que escreve que escava a simplicidade do simples simplicíssimo em sancta simplicitas põe de lato a literordura deixa as belas letras para os bel'letristas e repara que neste fio de linguagem há um fio de linguagem que uma rosa é uma rosa como uma prosa é uma prosa há um fio de viagem há uma vis de mensagem e nesta margem da margem há pelo menos margem desliga então as cantilenas as cantilendas as cantiamenas descrê das histórias das stórias das estórias e fica ao menos com este menos o resto veremos uma garrafa ao mar pode ser a solução botelheiro de más botelhas da vida diva dádiva botelha que o futuro futura pela escura via delle botteghe oscure e quando a maré for subindo você virá vindo e quando a manhã for saindo você virá sendo e enquanto a noite for sumindo você estará rindo pois é lindo e ledo e lido e lendo este teu cantomenos este teu conto a menos sem somemos nem comenos este canto mesmo que já agora é teima e não se faz por menos mas nem vem que não tem se não te serve o meu trem se a canoa tem furo por aí é o futuro morre velho o seguro mas eu combato no escuro e pelo triz pelo traz pelo truz pelo trez tanto faz tanto fez minha sina eu que sei eu que pago pra ver se no dois não acerto jogo tudo no três e ainda tenho uma vez esta história é muito simples é uma história de espantar não conto porque não conto porque não quero contar cantando cantava o sol contando contava o mar contava um conto cantado de terra sol mar e ar meu canto não conta um conto só canta como cantar



